

CARL DJERASSI

ROALD HOFFMANN

O X I G Ê N I O



40

LRP 27592

Vieira & Lent

CARL DJERASSI E ROALD HOFFMANN

DEDALUS - Acervo - FFCLRP



20800028323

O X I G Ê N I O

Uma peça em 2 atos e 20 cenas



TRADUÇÃO
Juergen Heinrich Maar

APRESENTAÇÃO
Leopoldo De Meis

27.592

BIBLIOTECA CENTRAL
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E
LETRAS DE RIBETÃO PRETO-USP

Vieira & Lent

Título original *Oxygen*
©2004, by Carl Djerassi e Roald Hoffmann

°O original desta tradução inclui a revisão feita pelos autores para a encenação no Riverside Studio de Londres em novembro de 2001. Portanto, ela não está baseada na íntegra da edição original em inglês, tal como publicada em 2001 pelas editoras Wiley/Verlag Chemie. Esta edição foi realizada a partir de original cedido pelos autores.

Esta peça está protegida pelas leis referentes aos direitos autorais. Qualquer leitura pública ou representação da peça, de qualquer natureza, deverá ser objeto de prévia autorização e acerto direto com os detentores dos direitos autorais: Carl Djerassi (djerassi@stanford.edu) ou Roald Hoffmann (rh34@cornell.edu).

Todos os direitos desta edição reservados à
vieira & lent casa editorial ltda.
Rua Senador Dantas 118, sl.406
20031-201 Rio de Janeiro RJ Brasil
Telefax: (21) 22628314
e-mail: editora@vieiralent.com.br
www.vieiralent.com.br

Preparação de originais e revisão tipográfica: LÉA MARIA CARDOSO ALVES

Capa, projeto gráfico e editoração: SENSE DESIGN & COMUNICAÇÃO

Agradecimento especial: Cássio Leite Vieira

Imagem da capa: Detalhe da obra 'RETRATO DE PENÉLOPE, VISCONDESSA LIGONIER' (1770), de Thomas Gainsborough. Huntington Gallery, San Marino, Califórnia.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

D653o

Djerassi, Carl, 1923-
Oxigênio : uma peça em 2 atos e 20 cenas / Carl Djerassi e Roald Hoffmann; tradução Juergen Heinrich Maar; apresentação Leopoldo De Meis. - Rio de Janeiro : Vieira & Lent, 2004

Tradução de: *Oxygen*
ISBN 85-88782-12-X

1. Lavoisier, Antoine Laurent, 1743-1794 - Teatro (Literatura). 2. Priestley Joseph, 1733-1804 - Teatro (Literatura). 3. Scheele, Carl Wilhelm, 1742-1786 - Teatro (Literatura). 4. Oxigênio - Teatro (Literatura). 5. Descobertas científicas - Teatro (Literatura). 6. Teatro americano (Literatura). I. Hoffmann, Roald, 1937-. II. Djerassi, Carl, 1942-. III. Título.

04-0467.

CDD 812
CDU 821.111(73)-2

1ª edição, abril de 2004
©*vieira & lent* casa editorial





Class.	82
	D6248
Tomo	fil. 27592
Sysno	1518712

SUMÁRIO



- 11 AO LEITOR
- 15 APRESENTAÇÃO
- 17 PERSONAGENS
- 21 PRIMEIRO ATO
- 23 CENA 1
(Sauna em Estocolmo, Suécia, 1777. As três mulheres estão sentadas na sauna, sobre um banco, seus corpos envoltos em toalhas de banho ou lençóis apropriados — a Senhora Priestley extremamente recatada, Madame Lavoisier extremamente desinibida. Cada uma usa uma touca diferente, no típico estilo do século XVIII, para cobrir seus cabelos ou sua peruca.)
- 30 CENA 2
(Salão de Conferências na Academia Real Sueca de Ciências, Estocolmo, verão de 2001. Iluminação sobre dois membros da Comissão Nobel de Química, os professores Bengt Hjalmarsson e Sune Kallstenius, que estão no palco, conversando em particular. Mais tarde junta-se a eles o terceiro membro, o professor Ulf Svanholm.)

- 39 CENA 3
(Estocolmo, 1777, no mesmo dia em que transcorreu a Cena 1, algumas horas depois. Todos os casais estão passeando — talvez nos jardins do Palácio. Todos estão cientes da presença dos demais. Todos gostariam de ouvir os outros, sem serem ouvidos eles próprios.)
- 42 CENA 4
(Estocolmo, 2001. Intervalo na sala da Comissão. Bengt, sentado, está lendo uma revista científica. Ulf junta-se a ele. Os outros entram e saem da sala, relaxando.)
- 45 CENA 5
(Estocolmo, 2001. Academia Real de Ciências da Suécia, uma semana mais tarde.)
- 48 CENA 6
(1777. De dia. Numa ante-sala do Palácio.)
- 51 CENA 7
(Estocolmo, Academia Real de Ciências da Suécia, 2001. Num corredor.)
- 53 CENA 8
(1777. Nos jardins no Palácio. Lavoisier ensaia, em voz baixa, algumas linhas do espetáculo de máscaras. Cena 13. A Senhora Pobl aproxima-se dele.)
- 55 CENA 9
(Estocolmo, 1777. Jardins do Palácio. Encontram-se Scheele e Madame Lavoisier.)
- 57 CENA 10
(Estocolmo, 2001. O cenário sugere o vestiário de um ginásio ou academia. Os homens estão terminando de se vestir, tendo ao lado suas mochilas e raquetes de squash.)
- 59 CENA 11
(Nos jardins do Palácio. Priestley e Madame Lavoisier sentados num banco.)

- 61 CENA 12
(Estocolmo, 2001. Academia Real de Ciências da Suécia, duas semanas mais tarde.)
- 77 CENA 13
(1777. Um teatro, com pano de boca. Sentados, de costas para o público, o Doutor e a Senhora Priestley, Scheele e a Senhora Pobl. Sugere-se de alguma forma a presença do camarote real, ocupado. Entram em cena os Lavoisier.)
- 83 SEGUNDO ATO
- 85 CENA 14
(Estocolmo 1777. O cenário sugere um ambiente no Palácio. No centro do palco uma mesa para as demonstrações. À direita, um apoio para livros, e mais ao fundo, à direita, uma tela que pode ser usada para jogos de luz e sombra. Na mesa, serão realizados experimentos reais e simulados; as projeções podem ser mostradas nas telas laterais. À esquerda, no palco, três cadeiras para as senhoras.)
- 97 CENA 15
(Estocolmo 2001. Um pequeno bar na Academia Sueca. Astrid encontra-se numa mesa à esquerda, com Ulla. Astrid se afasta em direção ao reservado.)
- 102 CENA 16
(Tarde, em 1777, depois do “Julgamento de Estocolmo”.)
- 110 CENA 17
(Estocolmo, 2001. Academia Real de Ciências, alguns minutos depois da última cena envolvendo a Comissão. Um intervalo na reunião. Astrid Rosenqvist, sentada, confere anotações. Entra Hjalmarsson.)
- 117 CENA 18
(Escuridão fúnebre, com exceção da luz sobre Madame Lavoisier na parte anterior esquerda do palco, com uma pena na mão, prestes a escrever uma carta, e sobre Lavoisier, na parte posterior direita do palco. Cada qual em aparente solilóquio.)

- 119 CENA 19
(Estocolmo, 2001. Real Academia de Ciências, duas semanas depois da cena anterior. Ulla Zorn está ocupada com algum equipamento de projeção, preparando uma apresentação multimídia, o que ninguém dos demais observa. Astrid olha em torno da mesa e conta com a atenção dos demais.)
- 127 CENA 20
(Estocolmo. Sala da Comissão. Uma semana mais tarde. Bengt levanta-se afastando-se da mesa e dirigindo-se para Ulla Zorn. Ela levanta os olhos para Bengt, que está olhando para ela.)
- 134 REPRESENTAÇÕES E LEITURAS
- 138 SOBRE OS AUTORES
- 141 SOBRE O TRADUTOR

AO LEITOR



Que é uma descoberta? Por que é tão importante ser o primeiro numa descoberta? Essas são as questões que preocupam os personagens desta peça. *Oxigênio* se alterna entre 1777 e 2001 – o ano do Centenário do Prêmio Nobel – quando a Fundação Nobel decide lançar um Prêmio Nobel retroativo para as grandes descobertas anteriores ao estabelecimento do Prêmio Nobel há cem anos. A Fundação pensa que será fácil, que o Comitê de premiação estaria lidando com uma época em que a Ciência era feita apenas “pela Ciência”, e as descobertas eram simples, puras, imunes à controvérsia e a reclamos de prioridade...

O Comitê de Química da Academia Sueca de Ciências decide focalizar na descoberta do oxigênio, pois foi ela que provocou a revolução da Química moderna. Mas quem deveria ser premiado? Lavoisier seria a escolha natural, porque se há uma obra marcante do começo da Química moderna, certamente seria a de Lavoisier, cujos trabalhos entre 1770 e 1780 esclareceram a verdadeira natureza da combustão, da oxidação e da respiração animal, e o papel central do oxigênio nesses processos. Mas... e Scheele? E Priestley? Não foram eles os primeiros descobridores do oxigênio?

Realmente, numa noite de outubro de 1774, Antoine Lavoisier, o arquiteto da revolução da Química, tomou conhecimento de que Joseph Priestley, pastor da igreja Unitária inglesa, havia sintetizado um novo gás. Uma semana depois, além disso, Lavoisier recebeu uma carta do farmacêutico sueco Carl Wilhelm Scheele, descrevendo para o cientista francês como se poderia sintetizar esse elemento-chave da sua teoria, o gás da vida – oxigênio. O trabalho de Scheele tinha sido feito anos antes, mas permaneceu inédito até 1777.

Scheele e Priestley inseriram sua descoberta em um referencial lógico equivocado – a teoria do flogístico – que Lavoisier procurava demolir. De que modo Lavoisier lidou com as descobertas de Priestley e Scheele? Será que ele lhes deu o crédito devido? E afinal, o que é uma descoberta? Será que importa se o descobridor não compreende inteiramente o que descobriu? Será que importa se o mundo não fica sabendo da descoberta?

Num encontro fictício, a peça leva os três protagonistas e suas esposas a Estocolmo em 1777, a convite do rei Gustavo III (famoso por *Un ballo in maschera*). A questão a resolver nessa ocasião era a seguinte: “Quem descobriu o oxigênio?” Através das mulheres dos cientistas, numa sauna e em outros locais, conhecemos suas vidas e as de seus maridos. As ações de Madame Lavoisier, mulher notável, são centrais na peça. No “Julgamento de Estocolmo”, uma cena que inclui demonstrações químicas, os três descobridores do oxigênio recriam seus experimentos mais importantes. Há também uma pequena peça em verso, dentro da peça, retratando a vitória do Oxigênio sobre o Flogístico. Essa peça, hoje desaparecida, foi de fato representada pelo casal Lavoisier para seus amigos e financiadores.

Ao mesmo tempo, no início do século XXI, o Comitê Nobel investiga e discute o conflito de prioridade entre os três cientistas. Suas discussões nos fazem questionar se a Ciência mudou de fato nos dois últimos séculos. A presidenta do Comitê Nobel é Astrid Rosenqvist, uma famosa química teó-

rica sueca, e uma jovem historiadora, Ulla Zorn, secretária o Comitê. Mas ao longo da peça seus papéis se transformam.

Os temas éticos sobre prioridade e descoberta, que estão no centro desta peça, são tão atuais hoje quanto foram em 1777. Também são atuais as ironias das revoluções: Lavoisier, o revolucionário da Química, foi um político conservador que perdeu a vida durante o terror jacobino. Priestley, o político radical expulso da Inglaterra pelo apoio que concedeu à Revolução Francesa, foi um químico conservador. E Scheele queria apenas administrar a sua farmácia em Köping, e fazer experiências científicas nas horas vagas. Durante muito tempo, ele – o primeiro homem sobre a Terra a sintetizar oxigênio no laboratório – foi o que menos crédito recebeu por sua descoberta. Será que essa situação pode ser reparada 230 anos depois?

Os autores

APRESENTAÇÃO



O instinto de preservação desempenha papel-chave na seleção das espécies. Entre nós, os humanos, é onipresente e, como todas as coisas da humanidade, exacerbado. O homem não se contenta em se proteger dos predadores, mas quer enganar a morte inevitável, projetando sua individualidade para a eternidade. Para os religiosos a alma é imortal; outros anseiam passar para a história em campos de batalha ou na organização de governos e, os mais sublimes, na criação de obras capazes de comover as futuras gerações – diversas versões da mesma ambição humana.

Mas, além de abrir caminho para a imortalidade, o reconhecimento pelos pares gera estabilidade, facilita a obtenção de recursos indispensáveis para a continuação da obra, o conforto emocional dos homens de bem que vivem para o seu trabalho. Na contenda pela benemerência, às vezes parece ser indispensável que fique claro quem realmente fez mais para merecer, e é neste momento que surge o confronto, nem sempre elegante, freqüentemente agressivo.

Tudo isto é muito bem caracterizado na peça de Carl Djerassi e Roald Hoffmann sobre a descoberta do oxigênio. A peça se desenrola em dois planos e em duas épocas. Por um lado o Comitê Nobel, que supostamente decide quem

deve passar para a história da Ciência e por outro lado, três cientistas apaixonados por seu trabalho: Antoine Laurent Lavoisier, Joseph Priestley e Carl Wilhelm Scheele.

O contraponto entre as duas épocas se desenvolve com diálogos elegantes, às vezes tensos e mordazes, mostrando sempre que a natureza do homem não muda no curto intervalo de alguns séculos. No desenrolar da peça, os autores conseguem envolver a platéia que, querendo ou não, classifica, analisa os argumentos apresentados pelos atores e sem se aperceber, acaba tomando partido.

Leopoldo De Meis

Professor titular do Instituto de Ciências Biomédicas da UFRJ
Rio de Janeiro, verão de 2004

PERSONAGENS



Estocolmo, 1777

ANTOINE LAURENT LAVOISIER

34 anos. (*Químico francês, coletor de impostos, economista e servidor público; descobriu o oxigênio.*)

MARIE ANNE PIERRETTE PAULZE LAVOISIER

19 anos. (*Esposa de Antoine Laurent Lavoisier.*)

JOSEPH PRIESTLEY

44 anos. (*Sacerdote e químico inglês; descobriu o oxigênio.*)

MARY PRIESTLEY

35 anos. (*Esposa de Joseph Priestley.*)

CARL WILHELM SCHEELE

35 anos. (*Farmacêutico sueco; descobriu o oxigênio.*)

SARA MARGARETHA POHL

26 anos. (*Tornou-se a Senhora Scheele três dias antes da morte de Carl Wilhelm.*)

ARAUTO DA CORTE

(*Voz masculina fora do palco.*)

Estocolmo, 2001

PROFESSOR BENGT HJALMARSSON

Membro da Comissão do Prêmio Nobel para a Química da Academia Real de Ciências da Suécia. (*Representado pelo mesmo ator que representa Antoine Lavoisier.*)

PROFESSOR SUNE KALLSTENIUS

Membro da Comissão do Prêmio Nobel para a Química da Academia Real de Ciências da Suécia. (*Representado pelo mesmo ator que representa Carl Wilhelm Scheele.*)

PROFESSORA ASTRID ROSENQVIST

Presidenta da Comissão do Prêmio Nobel para a Química da Academia Real de Ciências da Suécia. (*Representada pela mesma atriz que representa a Senhora Priestley.*)

PROFESSOR ULF SVANHOLM

Membro da Comissão do Prêmio Nobel para a Química da Academia Real de Ciências da Suécia. (*Representado pelo mesmo ator que representa Joseph Priestley.*)

ULLA ZORN

Estudante de Pós-Graduação em História da Ciência e Secretária da Comissão do Prêmio Nobel para Química da Academia Real de Ciências da Suécia. (*Representada pela mesma atriz que representa a Senhora Pobl.*)

Detalhes técnicos

O cenário pode ser simples, apenas sugerido (bancos de uma sauna, mesa para reuniões, bancada de laboratório). Todos os recursos audiovisuais, disponíveis com os autores, devem ser projetados numa tela grande, de preferência do fundo do auditório. Para permitir uma rápida troca de figurinos, nas cenas que alternam entre 1777 e 2001, os figurinos referentes a 1777 devem ser simples (por exemplo, para os homens, perucas, longas casacas e colarinhos de fácil fixação; para as mulheres, sapatos de época com fivelas, perucas, toucas, vestimentas longas, lenços ou mantilhas, etc.).

Descrição dos personagens de 1777

ANTOINE LAURENT LAVOISIER, 34 anos de idade. Químico francês, coletor de impostos, economista, funcionário público, desmascarou o mesmerismo. Lavoisier era rico e autoconfiante – certo de que estava construindo o enquadramento adequado para a totalidade da Química.

MARIE ANNE PIERRETTE PAULZE LAVOISIER, 19 anos de idade. Nascida rica e casada com um homem abonado, Madame Lavoisier foi educada para auxiliar seu esposo em seus empreendimentos científicos e públicos. Num mesmo dia de 1794 ela perdeu seu esposo e seu pai na guilhotina do terror jacobino. Com dificuldade, recuperou a propriedade de Lavoisier e publicou suas obras científicas. Não foi feliz num segundo breve casamento com um cientista e aventureiro americano-anglo-bávaro, o conde Rumford.

JOSEPH PRIESTLEY, 44 anos de idade. Pastor, ativista político e químico inglês. Priestley foi um dos fundadores da Igreja Unitarista, e um dissidente na religião e na política. Depois de lecionar em várias academias dissidentes, esteve a serviço de Lorde Shelburne. Seus pontos de vista políticos radicais levaram o povo a destruir sua residência. Priestley refugiou-se nos Estados Unidos, terminando seus dias em Northumberland, na Pensilvânia, e defendendo a teoria do flogístico até o fim da vida. Descobriu diversos gases, entre eles o oxigênio, o óxido nitroso e o monóxido de carbono; aperfeiçoou também um equipamento bastante difundido para produzir água carbonatada.

MARY PRIESTLEY, 35 anos de idade. Filha do conhecido metalurgista John Wilkinson e irmã de um dos alunos de Priestley, desposou o jovem pastor em 1762 e passou a participar de suas atividades científicas e religiosas. Mary Priestley teria escrito belas cartas, mas nenhuma delas sobreviveu ao incêndio que se seguiu ao saque da casa e do laboratório de Priestley, em Birmingham. Em 1794, com a ajuda de Benjamin Franklin, o casal estabeleceu-se nos Estados Unidos.

CARL WILHELM SCHEELE, 35 anos de idade. Farmacêutico sueco, nascido numa família alemã de Stralsund, na Pome-

rânia, cidade então pertencente à Suécia. Ainda jovem foi aprendiz de farmácia, profissão que abraçou por toda a vida. Um experimentador dedicado e hábil, descobriu não somente o oxigênio, mas também o cloro, o manganês, o ácido fluorídrico, os ácidos sulfídrico, oxálico e cítrico, e muitos compostos orgânicos. Scheele inventou também um ótimo pigmento verde contendo arsênio, que pode ter contribuído para a morte de Napoleão. O mais ardente desejo de Scheele foi possuir sua própria farmácia, o que conseguiu na cidade provinciana de Köping, pouco antes do fim de sua breve vida.

SARA MARGARETHA POHL (*FRU POHL*), 26 anos de idade. Tornou-se a Senhora Scheele três dias antes da morte de Carl Wilhelm. Foi casada com um farmacêutico alemão, Hindrich Pascher Pohl, o pai de seu único filho (que morreu aos 14 anos). A farmácia de Köping foi vendida a Scheele, de cuja casa a Senhora Pohl começou a cuidar. Depois da morte de Scheele em 1786, a viúva enviou diversos documentos à Academia Real de Ciências da Suécia, entre eles o rascunho da carta de Scheele a Lavoisier. Ela escreveu que deu a Scheele o mais respeitável funeral já visto em Köping. Casou-se depois com um terceiro farmacêutico alemão.

PRIMEIRO ATO

CENA 1

(Sauna em Estocolmo, Suécia, 1777. As três mulheres estão sentadas na sauna, sobre um banco, seus corpos envoltos em toalhas de banho ou lençóis apropriados – a SENHORA PRIESTLEY extremamente recatada, MADAME LAVOISIER extremamente desinibida. Cada uma usa uma touca diferente, no típico estilo do século XVIII, para cobrir seus cabelos ou sua peruca.)



MADAME LAVOISIER

(Sonbadora.) Eu nunca fui açoitada anteriormente... não desta forma. *Encore!*

SENHORA PRIESTLEY

Senhora Lavoisier! Na Inglaterra usamos a vara para punição.

MADAME LAVOISIER

Há um jovem nobre no sul de nosso país, o marquês de Sade...

SENHORA POHL

Senhoras! O segredo da sauna é a moderação. Na Suécia usamos a vara para fazer o sangue chegar à superfície do corpo. É muito melhor do que usar sanguessugas.

(A toalha da SENHORA PRIESTLEY lhe desliza do ombro, e MADAME LAVOISIER observa seu

desconforto ao puxá-la rapidamente para cima.)

SENHORA PRIESTLEY

A descontração da sauna causa-me inquietação.

MADAME LAVOISIER

(Deliberadamente provoca um escorregão de sua toalha, enquanto se dirige para a SENHORA PRIESTLEY.) Senhora Priestley...

A senhora está entre mulheres *(Reservadamente.)*... Bem, se estivéssemos na presença de homens...

SENHORA PRIESTLEY

A senhora é jovem, Madame!

MADAME LAVOISIER

Dezenove!

SENHORA POHL

Eu tinha vinte anos antes de casar.

SENHORA PRIESTLEY

Eu também. *(Para a SENHORA POHL.)* Quantos filhos a senhora tem?

SENHORA POHL

Um filho pequeno. E a senhora?

SENHORA PRIESTLEY

Três filhos e uma filha. *(Volta-se para MADAME LAVOISIER.)*

E a senhora, Madame Lavoisier?

MADAME LAVOISIER

Nenhum.

SENHORA PRIESTLEY

Suponho que a senhora se casou recentemente.

MADAME LAVOISIER

Há seis anos.

SENHORA PRIESTLEY

A senhora era muito jovem.

SENHORA POHL

E sem filhos?

MADAME LAVOISIER

(Com firmeza.) Nenhum!

SENHORA PRIESTLEY

Depois de seis anos? A nossa Sarah nasceu quando eu estava casada há apenas dez meses.

MADAME LAVOISIER

(Em tom insípido.) Chacun à son goût.

SENHORA PRIESTLEY

Então a senhora acha que é uma questão de gosto. Quando me casei, considere-o como um dever matrimonial. *(Levemente sarcástica.)* Mas, é claro, eu não era uma criança.

MADAME LAVOISIER

Talvez na França as mulheres amadureçam mais cedo... sobretudo em escolas religiosas.

SENHORA PRIESTLEY

Uma escola religiosa?

MADAME LAVOISIER

Não para me tornar freira. Eu tinha doze anos e até estudei Química... "manteiga de arsênio"... "açúcar de chumbo"... "flores de zinco"... Encantador! Pensava eu: em primeiro lugar, a Química na cozinha... depois, a Química no jardim.

SENHORA PRIESTLEY

Somente uma criança de doze anos para encantar-se com tais coisas.

MADAME LAVOISIER

Mas quando eu tinha treze anos, minha mãe faleceu, e eu deixei a escola do convento para fazer as honras da casa, na casa de meu pai. Esquivei-me das atenções de um conde – que era bem mais velho do que meu pai – casando-me com Monsieur Lavoisier. *(Orgulhosa.)* Ele atua na Coletoria de Taxas e também preside o Banco de Descontos.

SENHORA PRIESTLEY

Um coletor de impostos? Um banqueiro?

MADAME LAVOISIER

(Jocosa.) E advogado – já aos vinte e um anos!

SENHORA POHL

Mas seu esposo não foi convidado para vir à Suécia por causa de suas descobertas químicas?

MADAME LAVOISIER

O mesmo vale para o esposo da Senhora Priestley. Ele é padre, não é mesmo?

SENHORA PRIESTLEY

Nada de padre, por favor! Um pastor. As pessoas chamam-no de "Doutor Priestley". Nós somos unitaristas, Madame. *(Repentinamente agitada.)* A Igreja da Inglaterra opõe-se às nossas crenças. Nossos filhos não podem ir

27.592

para Oxford ou Cambridge. Não podemos ocupar cargos públicos. Claro, se a senhora se casa com um sacerdote, a senhora colhe riquezas maiores do que dinheiro. *(Controla-se.)* Perdoem-me. Deixei-me levar pela emoção.

MADAME LAVOISIER

Quando eu falei com meu esposo sobre a Química que eu aprendi no convento, ele me disse algo bastante útil. "O produto da Ciência é o conhecimento... mas o produto dos cientistas é a reputação." *(Pausa.)* Reputação é importante para ele... e quando eu o desposi também tornou-se importante para mim. *(Pausa.)* Sobretudo quando ele me pediu que eu o auxiliasse em seu trabalho.

SENHORA POHL

Ele lhe pediu isso... quando a senhora tinha apenas treze anos?

MADAME LAVOISIER

Bien sûr...

SENHORA PRIESTLEY

A senhora era tão jovem então.

MADAME LAVOISIER

Era preciso estudar a Química... Arte também... tive aulas com Jacques-Louis David... Também aprendi latim e inglês... tudo para ajudar o meu marido. *(Pensativa.)* A cada dia eu faço no laboratório uma lista dos experimentos que devem ser realizados. Antoine dita-me os dados e eu os anoto. Desenho as páginas de ilustrações para seus livros... Faço as gravuras.

SENHORA PRIESTLEY

(Repentinamente com compaixão.) Ah!... É por isso que a senhora não tem filhos?

MADAME LAVOISIER

(Ignora a pergunta.) Senhora Priestley, fui eu quem traduzi os *Experimentos com diferentes tipos de gases* do Doutor Priestley...

SENHORA PRIESTLEY

A senhora o fez?

MADAME LAVOISIER

E seus escritos sobre o flogístico –

SENHORA PRIESTLEY

(Interrompe-a imediatamente.) O Princípio do Fogo... uma explicação para toda a Química.

MADAME LAVOISIER

Explicação de seu esposo.

SENHORA PRIESTLEY

O que a senhora quer dizer com isso?

MADAME LAVOISIER

Que nós não estamos convencidos –

SENHORA PRIESTLEY

Nós?

MADAME LAVOISIER

Meu esposo não está convencido. E, portanto, eu também não.

SENHORA POHL

O Senhor Scheele está convencido. É o que ele diz em seu livro...

MADAME LAVOISIER

(Assustada.) Em que livro?

SENHORA POHL

Sobre a Química do Ar e do Fogo. O único livro que ele escreveu.

MADAME LAVOISIER

Meu esposo nunca o mencionou.

SENHORA POHL

Será publicado em breve – talvez ainda durante a sua estada aqui em Estocolmo.

MADAME LAVOISIER

(Aliviada.) Trata-se então da obra mais recente de seu esposo?

SENHORA POHL

O farmacêutico Scheele não é meu esposo... *(MADAME LAVOISIER e a SENHORA PRIESTLEY trocam olhares de surpresa, o que é notado pela SENHORA POHL.)* O Senhor Pohl era farmacêutico. E o pai de meu filho. Mas ele está morto.

SENHORA PRIESTLEY

(Incapaz de controlar sua curiosidade.) E o Senhor Scheele? É talvez um parente?

SENHORA POHL

Ele assumiu a farmácia de meu esposo... em Köping, uma pequena cidade a umas trinta milhas a oeste de Estocolmo. *(Desafiadora.)* Eu cuido de sua casa.

MADAME LAVOISIER

Então a senhora auxilia o Senhor Scheele?

SENHORA POHL

Não no laboratório.

MADAME LAVOISIER

E mesmo assim a senhora conhece o seu novo livro?

SENHORA POHL

Quando Carl Wilhelm... *(Ela corrige-se.)* quero dizer, o farmacêutico Scheele... chegou à nossa pequena cidade há três anos, relatou seus experimentos com gases para meu pai e para mim. Ele estava muito entusiasmado com o assunto.

MADAME LAVOISIER

(Preocupada.) E quando ele realizou esses experimentos?

SENHORA POHL

Certamente alguns anos antes. O livro explica tudo isso...

MADAME LAVOISIER

Alguém conhece o conteúdo do livro?

SENHORA POHL

Mas é claro... **seu** esposo. *(Pausa.)* O Senhor Scheele não enviou há três anos uma carta a Paris, descrevendo o seu experimento com o Ar do Fogo?

MADAME LAVOISIER

Não sei de correspondência alguma entre os dois.

SENHORA POHL

O Senhor Scheele estranhou que seu esposo jamais lhe agradeceu.

MADAME LAVOISIER

(Irritada.) Não havia motivo algum para agradecer!

SENHORA PRIESTLEY

Senhoras!... talvez devêssemos nos refrescar um pouco.

SENHORA POHL

A senhora tem razão. Amanhã Sua Majestade decidirá quem foi o primeiro.

MADAME LAVOISIER

Não é por esse motivo que viemos!

SENHORA PRIESTLEY

Então o que os trouxe aqui?

MADAME LAVOISIER

Queremos mostrar ao mundo o que o Senhor Lavoisier descobriu.

SENHORA PRIESTLEY

Mas o Doutor Priestley fez a descoberta antes!

MADAME LAVOISIER

Receio que não concordaremos a respeito disso, minha cara Senhora Priestley.

SENHORA POHL

(Levanta-se, estende a mão para a MADAME LAVOISIER.) Venha. A senhora souo o suficiente. A vara da Senhora Priestley está a sua espera.

(Irritada, MADAME LAVOISIER recusa a mão da SENHORA POHL, e permanece em cena enquanto saem a SENHORA PRIESTLEY e a SENHORA POHL.)

MADAME LAVOISIER

(Imita a SENHORA POHL no seu modo de falar e na entonação.) “E sem filhos?” *(Novamente em tom normal.)* Que direito tem a Senhora Pohl de perguntar? Nem ao menos é casada com o farmacêutico Scheele! *(Pausa.)* Eu ajudava Antoine no laboratório... e nas reuniões no *salon*. Mas quando ele argumentava sobre como respiramos... como queima o enxofre... ou como se poderia produzir pólvora de melhor qualidade... então ele conversava com homens: com Monsieur Monge... com Monsieur Laplace... com Monsieur Turgot. *(Pausa)* Mas não comigo. Apesar disso eu ajudava Antoine de várias maneiras, das quais ele nada sabe... e nunca saberá. *(Pausa.)* Mas com a Senhora Priestley eu preciso me precaver... e agora, vejo que também com a Senhora Pohl. Não viemos a Estocolmo para cometer erros. Portanto... conversaremos... como mulheres costumam conversar. Naturalmente sobre nossos esposos. Como são **bons**. Como nós podemos ajudá-los. *(Pausa.)* E ostentamos a máscara da mulher... na qual está estampado o semblante de nosso esposo... sorrindo educadamente. *(Pausa.)* Mas os homens continuarão sorrindo, se as suas descobertas forem postas em dúvida? *(Pausa.)* Sorriremos nós? *(Saindo de seu sonbo diurno, novamente cheia de energia.)* A Senhora Pohl sabe da carta. *(Pausa.)* Estou com receio.

APAGAM-SE AS LUZES

FIM DA CENA 1

CENA 2

(Salão de Conferências na Academia Real Sueca de Ciências, Estocolmo, verão de 2001. Iluminação sobre dois membros da Comissão Nobel de Química, os professores BENGT HJALMARSSON e SUNE KALLSTENIUS, que estão no palco, conversando em particular. Mais tarde junta-se a eles o terceiro membro, o professor ULF SVANHOLM.)



SUNE KALLSTENIUS
Um Nobel **retroativo** para pesquisas anteriores a 1901.
Que maneira de comemorar o centenário dos Prêmios Nobel...

BENGT HJALMARSSON
Pelo menos os perdedores não poderão criar alvoroço contra nós.

SUNE KALLSTENIUS
De qualquer forma suponho que é algo diferente... premiar pessoas mortas.

BENGT HJALMARSSON
Continua sendo trabalho demais.

SUNE KALLSTENIUS
Você sempre se queixa sobre o tempo dispendido com os assuntos da Comissão Nobel. A maioria dos suecos estaria orgulhosa em pagar esse preço.

BENGT HJALMARSSON
Pois pague você. Estou cansado de pagar. Prejudica meu próprio trabalho.

SUNE KALLSTENIUS
Pois renuncie.

BENGT HJALMARSSON
(Rindo ironicamente.) De modo algum. Gosto do poder... e das fofocas. Mas escolher um ganhador morto? Eles nem ao menos podem retribuir favores.

SUNE KALLSTENIUS
Você não está falando sério, está?

BENGT HJALMARSSON
Apenas estou sendo sincero.

SUNE KALLSTENIUS
Sinceridade tem o seu lugar... mas o lugar não é este aqui!

(ULF SVANHOLM entra e ouve esta última frase.)

ULF SVANHOLM
Estou surpreso de ouvir isto justamente de você.

SUNE KALLSTENIUS
(Incisivo.) Você também diria isto!

BENGT HJALMARSSON
(Pensativo.) Com Astrid como presidente de uma Comissão Nobel... poderia tornar-se interessante.

ULF SVANHOLM
Presidenta seria mais ao gosto dela.

BENGT HJALMARSSON
Até agora nunca tivemos uma mulher presidindo.

ULF SVANHOLM
Ela merece; uma teórica danada de competente.

SUNE KALLSTENIUS
De acordo com minha experiência, bons teóricos são maus presidentes.

BENGT HJALMARSSON
Eu não iria generalizar e dizer isso quando se trata de Astrid. Além do mais, ela sempre sabe como se impor.

ULF SVANHOLM
Constatação feita com base em sua experiência pessoal, é claro.

BENGT HJALMARSSON
Isso já foi há uma vida inteira. Bem... há dezoito anos.

(Pausa.) Aí vem ela com sua sombra... essa misteriosa Ulla Zorn.

(Professora ASTRID ROSENQVIST, presidenta da Comissão, e ULLA ZORN entram em cena, elas conversam quase cochichando.)

ULLA ZORN

Astrid, você falou a eles sobre mim?

ASTRID ROSENQVIST

Ainda não, Ulla.

ULLA ZORN

Eles devem estar intrigados –

ASTRID ROSENQVIST

Eu estou certa disso. Secretárias da Comissão Nobel são geralmente mais velhas.

ULLA ZORN

E eles não esperam uma secretária com formação em Química?

ASTRID ROSENQVIST

Por isso vamos chamá-la de assessora.

ULLA ZORN

Por que não dizer a eles o que faço? Não é segredo –

ASTRID ROSENQVIST

Tudo a seu tempo... confie em mim. (Pausa.) Bom-dia, senhores. (Olha para seu relógio, aproxima-se dos homens, dirige-se a BENGT HJALMARSSON.) Você chegou cedo –

BENGT HJALMARSSON

Não, fomos apenas pontuais... como todos os suecos.

ASTRID ROSENQVIST

(Sorrindo, mas alfinetando.) Você não mudou, Bengt.

BENGT HJALMARSSON

(Com ares de inocência.) Não? Um pouquinho, com certeza.

ASTRID ROSENQVIST

(Para o restante do grupo.) Todos vocês conhecem Ulla Zorn? Passemos ao trabalho.

(Os membros da Comissão sentam-se, com ULLA ZORN, atrás do seu laptop, sentada um pouco afastada, num dos lados.)

ASTRID ROSENQVIST

Estamos aqui reunidos para decidir sobre o primeiro

Prêmio Nobel retroativo, para contemplar pesquisas feitas antes de 1901. Suponho que todos estejam de posse dos documentos necessários.

SUNE KALLSTENIUS

(Dirige a palavra a ASTRID ROSENQVIST.) Uma questão de procedimento: por que somos apenas quatro? Nunca éramos menos do que cinco membros. Não há empate com número ímpar de membros.

ULF SVANHOLM

Confie, Sune... sempre se queixando.

ASTRID ROSENQVIST

A decisão foi minha. (Pausa.) Há outras dúvidas?

BENGT HJALMARSSON

Nossas escolhas restringem-se ao século XIX, ou ao período anterior a ele!

SUNE KALLSTENIUS

Pelo menos teremos menos norte-americanos. Na realidade, apenas um: Willard Gibbs. O que seria da Química sem a Termodinâmica?

ULF SVANHOLM

Um norte-americano outra vez, não, por favor! (Pausa.) A escolha é óbvia. (Devagar, mas de modo incisivo.) Dimitri... Ivanovitch... Mendeleiev. Vocês poderiam imaginar a Química sem a Tabela Periódica? É a nossa Pedra de Rosetta.

BENGT HJALMARSSON

Que tal Louis Pasteur? (Fala devagar mas de modo pomposo.) “Os prêmios deverão ser conferidos àqueles que trouxeram os maiores benefícios à humanidade”. (Novamente em tom normal.) Assim está escrito no testamento de Alfred Nobel. (Pausa.) Se você parar as pessoas na rua e perguntar: “Quem trouxe as maiores contribuições à humanidade: Gibbs? Mendeleiev? Ou Pasteur?” Eles dirão, “Gibbs? Nunca ouvimos falar dele! Mendeleiev? Soletre!” Mas Pasteur todos conhecem.

ULF SVANHOLM

Mas nós não somos transeuntes entrevistados na rua! (Repentinamente ouve ULLA ZORN digitando furiosamente no seu laptop.) Um momento! (Apontando para ULLA ZORN.) Isso é parte da reunião formal?

ASTRID ROSENQVIST

Nós não somos apenas a comissão de praxe preparando

a recomendação à Academia sobre quem deve receber o prêmio... desta vez nós também elaboramos a lista sucinta dos candidatos. Precisamos de um registro para mostrar que está tudo nos conformes.

BENGT HJALMARSSON

Ainda estou surpreso em saber que devemos fazer as duas coisas.

ASTRID ROSENQVIST

(Tamborilando na mesa.) Voltemos ao trabalho. Nós temos Gibbs, Mendeleiev, Pasteur. *(Pausa.)* Que outros nomes vocês gostariam de jogar na panela?

ULF SVANHOLM

Por que não um sueco como o primeiro? Por ocasião do Prêmio Nobel regular, a Academia esperou até 1903 antes de conferi-lo a Arrhenius.

ASTRID ROSENQVIST

Não basta apenas que seja sueco! Ele também deve fazer jus ao prêmio.

BENGT HJALMARSSON

Se você quer um sueco, que tal Carl Wilhelm Scheele... pela descoberta do oxigênio.

ULF SVANHOLM

Começar com o século XVIII? Por que não antes?

SUNE KALLSTENIUS

(Cínico, apontando para Ulf.) Ele provavelmente quer premiar os alquimistas... talvez até Paracelso!

BENGT HJALMARSSON

Focalizar o século XVIII não é má idéia. O pessoal publicava menos... assim temos menos para ler.

ULF SVANHOLM

Mas se escolhermos Scheele, como fica então Antoine Laurent Lavoisier?

SUNE KALLSTENIUS

Ou Joseph Priestley?

BENGT HJALMARSSON

Chegamos de novo à velha ladainha do Prêmio Nobel! Candidatos demais.

SUNE KALLSTENIUS

O que dizer de John Dalton, o pai da teoria atômica?

ULF SVANHOLM

Bobagem! Primeiro teria que ser descoberto o oxigênio. Talvez para o segundo ou terceiro Nobel retroativo.

ASTRID ROSENQVIST

Ulf tem razão. Com o oxigênio começou a Revolução Química. Dela nasceu uma Ciência... medidas quantitativas... os elementos reais devidamente colocados.

SUNE KALLSTENIUS

Exatamente. Todos os outros... Dalton, Gibbs, Mendeleiev... e todos os Prêmios Nobel de Química conferidos desde 1901 partem dessa descoberta.

BENGT HJALMARSSON

É curioso pensar que antes da Revolução Química as pessoas estavam convencidas de que quando alguma coisa queima, algo era liberado... *(Dirige-se a ZORN.)* Chamavam-no de flogístico. *(Pausa.)* Quer que eu soletre?

ULLA ZORN

(Rapidamente e desligada, sem levantar os olhos enquanto continua digitando velozmente.)

F... L... O... G... Í... S... T... I... C... O.

BENGT HJALMARSSON

(Com exagerado sarcasmo.) Muito bem!

ASTRID ROSENQVIST

Veja lá Bengt! Nos dias de hoje até mesmo muitos químicos não têm a menor idéia do que significa o flogístico. Você terá que esclarecer o assunto. De modo claro e sucinto, por favor.

BENGT HJALMARSSON

"Flogístico": "a essência do fogo". Está bem assim?

ASTRID ROSENQVIST

Está sucinto demais.

BENGT HJALMARSSON

É realmente difícil satisfazê-la... hoje.

ULF SVANHOLM

Mas por que afinal nos ocupamos com uma teoria já descartada?

SUNE KALLSTENIUS

Não é uma teoria tão tola como parece. Fazia sentido à sua maneira que quando alguma coisa queimava, algo, o flogístico... era liberado – puf! – e escapava para o ar.

ASTRID ROSENQVIST

Bonita teoria. Mas estavam todos redondamente enganados. Para poderem progredir, os cientistas tiveram que examinar a questão pelo aspecto oposto, para chegar à

simples mas óbvia conclusão de que durante o processo da queima algo era **retirado** do ar.

BENGT HJALMARSSON

E este algo é o oxigênio. E perceber que era um constituinte do ar... e não todo ele... pode parecer óbvio para nós hoje em dia, mas naquela época... numa época de revoluções... era uma idéia revolucionária.

ASTRID ROSENQVIST

Sim, mas precisamos tomar cuidado, porque Priestley e nosso herói sueco Scheele acreditaram no flogístico até o fim de seus dias.

BENGT HJALMARSSON

Pois eles foram vítimas da Grande Teoria Unificadora da Química da época. Mas Lavoisier teve o bom senso de escarnecer do flogístico.

ULF SVANHOLM

Tipicamente francês! O escárnio é o esporte favorito deles.

BENGT HJALMARSSON

Mas nesse caso o escárnio era justificado. Pense só no que seus proponentes diziam a respeito do flogístico... que às vezes ele tinha peso, mas em outras situações era desprovido de peso. Ou (*Falando mais rapidamente.*) que esse princípio poderia ser cáustico ou não... transparente ou opaco... colorido ou incolor... em outras palavras, ele poderia explicar todas as propriedades.

SUNE KALLSTENIUS

E qual é a sua opinião?

BENGT HJALMARSSON

A linguagem da Química era uma solene confusão, e a gramática estava completamente errada. Até Lavoisier corrigi-la.

ASTRID ROSENQVIST

Precisamos ter certeza a respeito dos nossos fatos.

SUNE KALLSTENIUS

Talvez devêssemos recorrer a historiadores. (*ULLA ZORN o encara.*) Foi uma brincadeira.

ASTRID ROSENQVIST

Você tem algo contra historiadores?

SUNE KALLSTENIUS

É algo que os cientistas fazem quando não podem mais fazer Ciência.

BENGT HJALMARSSON

O que historiadores poderiam saber sobre Ciência? (*Pausa.*) Você pode descobrir mais na internet!

ASTRID ROSENQVIST

(*Olha para ULLA ZORN mas decide não prosseguir na sua defesa dos historiadores.*) Eu me pergunto se Scheele, Lavoisier e Priestley realmente se encontraram alguma vez.

ULLA ZORN

Altamente improvável.

BENGT HJALMARSSON

O que a leva a dizer isso?

ULLA ZORN

A ausência de qualquer evidência histórica.

BENGT HJALMARSSON

Mas como você poderia saber –

ASTRID ROSENQVIST

(*Corta rapidamente novas perguntas.*) Pense simplesmente nas competições propostas em toda a Europa pelos reis daquele tempo. Os cientistas daquela época precisavam tanto de patrocínio como nós de recursos financeiros. Quem sabe eles se encontraram aqui em Estocolmo. Gustavo III era louco por Ciência e Artes.

ULF SVANHOLM

(*Jocoso.*) Continuem sonhando! E como poderiam ter conversado uns com os outros... falando diferentes línguas?

ASTRID ROSENQVIST

(*Devolve a brincadeira.*) E quem se preocupa com a língua falada nos sonhos?

BENGT HJALMARSSON

Herr Professor Doktor Sigmund Freud.

SUNE KALLSTENIUS

Talvez por isso nunca tenha ganho um Prêmio Nobel.

ULF SVANHOLM

Sune sempre se preocupa mais com aqueles que não foram premiados.

SUNE KALLSTENIUS

(*Para Ulf.*) Você nunca chegou nem mesmo perto de um!

ASTRID ROSENQVIST

(*Com desprezo.*) Vocês dois, está na hora de deporem as armas. (*Pausa.*) Vocês acham que os cientistas de então eram tão ambiciosos como os seus sucessores de hoje?

Gostaria de saber quem poderia nos dar uma informação a respeito.

ULF SVANHOLM

As testemunhas óbvias: outros cientistas daquele tempo.

ULLA ZORN

Ou suas esposas.

SUNE KALLSTENIUS

O que você disse?

ULLA ZORN

Ou suas esposas. *(Pausa.)* A maioria dos homens daquele tempo tinha esposas. O que será que elas tinham a dizer?

FIM DA CENA 2

CENA 3

(Estocolmo, 1777, no mesmo dia em que transcorreu a Cena 1, algumas horas depois. Todos os casais estão passeando – talvez nos jardins do Palácio. Todos estão cientes da presença dos demais. Todos gostariam de ouvir os outros, sem serem ouvidos eles próprios.)

(MADAME LAVOISIER e LAVOISIER são os primeiros a falarem.)



MADAME LAVOISIER

Antoine, tome cuidado!

LAVOISIER

Com o quê?

MADAME LAVOISIER

Com um desafio.

LAVOISIER

Uma experiência?

MADAME LAVOISIER

Um livro.

LAVOISIER

De Priestley?

MADAME LAVOISIER

Não, de Scheele.

LAVOISIER
Scheele?
MADAME LAVOISIER
Sem dúvida.
LAVOISIER
Ele é um bom químico.
MADAME LAVOISIER
E cuidadoso.
LAVOISIER
Eu confio nele.

(O SENHOR e a SENHORA PRIESTLEY.)

SENHORA PRIESTLEY
É tão bonito aqui.
PRIESTLEY
O Senhor nos abençoou.
SENHORA PRIESTLEY
Mas Joseph, esteja atento!
PRIESTLEY
A quê?
SENHORA PRIESTLEY
A uma experiência.
PRIESTLEY
A minha deu certo!
SENHORA PRIESTLEY
Ela já pode ter sido feita.
PRIESTLEY
Por quem?
SENHORA PRIESTLEY
Por Scheele.
PRIESTLEY
O que ele pode ter feito?
SENHORA PRIESTLEY
Alguma coisa do passado.
PRIESTLEY
Ele precisa de algo novo.
SENHORA PRIESTLEY
Ele se questiona...
PRIESTLEY
Eu confio nele.

(A SENHORA POHL e SCHEELE.)

SENHORA POHL
Eu contei para ela.
SCHEELE
E?
SENHORA POHL
Ela negou tudo.
SCHEELE
Ele não mostrou a carta para ela.
SENHORA POHL
Eu duvido.
SCHEELE
Por que?
SENHORA POHL
Ela cuida da correspondência dele.
SCHEELE
Isso eu não sabia.
SENHORA POHL
Ela mostrou-se extremamente curiosa.
SCHEELE
E depois?
SENHORA POHL
Ela vai contar tudo ao seu esposo.
SCHEELE
Eu não confio nele.

APAGAM-SE AS LUZES

FIM DA CENA 3

CENA 4

(Estocolmo, 2001. Intervalo na sala da Comissão. BENGT, sentado, está lendo uma revista científica. ULF junta-se a ele. Os outros entram e saem da sala, relaxando.)



BENGT HJALMARSSON

“Depor armas.” O que Astrid quis dizer com isso?

ULF SVANHOLM

Você não sabe? Óbvio, Sune vai negá-lo.

BENGT HJALMARSSON

(Impaciente.) Negar o quê?

ULF SVANHOLM

Você lembra do artigo do grupo de Stanford sobre novos catalisadores para polímeros oxigenados?

BENGT HJALMARSSON

(Com desprezo.) Lembro-me vagamente. Você tinha escondidos na manga alguns catalisadores muito parecidos, certo?

ULF SVANHOLM

Idênticos. Só que o artigo norte-americano foi publicado alguns meses antes... e por isso ganharam a medalha Gibbs... graças (Falando sarcasticamente.) ao nosso distinto colega professor Kallstenius! Aposto que por causa disso ele propôs Willard Gibbs para o Nobel retroativo... uma bela rasteira.

BENGT HJALMARSSON

Não entendi.

ULF SVANHOLM

Quando escrevi nosso artigo e o mandei para a revista, Sune recebeu-o, para opinar como assessor, e ele demorou dois meses para emitir um parecer.

BENGT HJALMARSSON

(Com desprezo.) E daí?

ULF SVANHOLM

E daí ele decidiu que eu não poderia publicar apenas a síntese.

BENGT HJALMARSSON

O que você quer dizer?

ULF SVANHOLM

Ele disse... “Isso não é ciência, simplesmente estudar na bancada um composto depois do outro, submetê-los à experimentação.” Quando ninguém fez isso antes! Ele disse que eu teria que descobrir **como** o catalisador atua... e não apenas **em que** ele atua. Desperdicei mais meio ano nessa empreitada inútil. Enquanto isso ele informou tudo detalhadamente a seus amigos em Stanford na Califórnia... e eles tomaram a dianteira.

BENGT HJALMARSSON

(Tornando-se sério.) Você tem certeza?

ULF SVANHOLM

Quem mais poderia ter-lhes contado? Ele os conhece, bem demais até.

BENGT HJALMARSSON

Eles não poderiam ter feito a descoberta por conta própria? Descobertas simultâneas ocorrem com frequência.

ULF SVANHOLM

Bobagem! Ele contou para eles.

BENGT HJALMARSSON

Ulf... você está obcecado. Esqueça.

ULF SVANHOLM

Você sabe tão bem como eu que na maior parte do tempo estamos numa corrida uns contra os outros, na qual só importa uma coisa: ser o primeiro. Se você é o segundo, você também poderia ser o último.

BENGT HJALMARSSON

Será que tudo se resume a isso?

ULF SVANHOM

E o que dizer do dinheiro todo que eles devem ter ganho com a patente?

BENGT HJALMARSSON

Eu não culparia o Sune. Ele é por demais honesto... basta olhar-lhe no rosto.

ULF SVANHOLM

Todos nós usamos máscaras.

FIM DA CENA 4

CENA 5

(Estocolmo, 2001. Academia Real de Ciências da Suécia, uma semana mais tarde.)



ASTRID ROSENQVIST

Inicialmente vejamos a descoberta. Ninguém duvidará que o oxigênio trouxe grandes benefícios para a humanidade, certo?

BENGT HJALMARSSON

O oxigênio foi útil para as pessoas mesmo antes de ser "descoberto"!

ULF SVANHOLM

Mas nós temos que deixar claro para as pessoas que existem inúmeros motivos de caráter prático que justifiquem a necessidade de usarmos oxigênio puro.

SUNE KALLSTENIUS

Não escolhemos o oxigênio por causa da utilidade que ele tem para alpinistas ou astronautas ou pessoas doentes.

ULF SVANHOLM

Típico de você. Alguma coisa é útil, e o professor responde: "quem se importa!"

ASTRID ROSENQVIST

Por favor ... vocês dois ... precisamos continuar. *(Pausa.)* Concordamos quanto à escolha do oxigênio, correto? *(Todos acenam concordando.)* Proponho agora que cada

um de vocês se responsabilize por localizar as evidências para as pretensões de cada um dos candidatos. Quem fala fluentemente o francês?

BENGT HJALMARSSON

Il n'y a pas de doute que c'est moi! Eu não passei dois anos num pós-doutorado no Instituto Pasteur falando sueco.

SUNE KALLSTENIUS

Teste meus conhecimentos de grego ou de latim. Ou de alemão...

ASTRID ROSENQVIST

(Dirige-se para SVANHOLM.) E você, Ulf?

ULF SVANHOLM

(Um pouco embaraçado.) Comme ci, comme ça... francês de colégio.

SUNE KALLSTENIUS

Isso é o óbvio.

ASTRID ROSENQVIST

Os arquivos de Lavoisier encontram-se quase todos na França, e obviamente foram escritos em francês. Lavoisier é seu, Bengt. *(Dirige-se a KALLSTENIUS.)* Você sabe que Scheele escrevia geralmente em alemão... e em um latim um tanto peculiar? Eu sugiro que você se encarregue de Scheele... *(Dirige-se a SVANHOLM.)* De modo que resta Priestley para você. De acordo?

ULF SVANHOLM

Resta-me outra escolha?

ASTRID ROSENQVIST

Ofereço-lhe um dos candidatos. Mas se não estiver satisfeito, você e Sune podem encarregar-se de dois.

ULF SVANHOLM

Obrigado... não, obrigado! Encarrego-me de Priestley.

BENGT HJALMARSSON

(Olha para o relógio e se dispõe a levantar-se.) Encerramos por hoje?

ASTRID ROSENQVIST

Não. Há um assunto que exige vasculharmos os arquivos.

SUNE KALLSTENIUS

E que assunto seria esse?

ASTRID ROSENQVIST

Refiro-me à carta de Scheele a Lavoisier... na qual ele apresenta sucintamente seus próprios experimentos com

o oxigênio. Aquilo que ele chamava de *Feuerluft*... Precisamos saber se Lavoisier recebeu essa carta, e se a recebeu, quando?

ULF SVANHOLM

Novamente a Síndrome Nobel: quem fez o quê primeiro?

ASTRID ROSENQVIST

E aquele que o fez primeiro entendeu realmente o que estava fazendo?

ULF SVANHOLM

E por que isso deveria ter importância?

ASTRID ROSENQVIST

Eu sou uma química teórica. Para mim, é necessário entender o que a gente descobre. Talvez para você isso tenha menos importância. *(Pausa.)* Você é um químico experimental... você realmente suja suas mãos –

ULF SVANHOLM

Agora meus alunos sujam as suas mãos no meu lugar.

BENGT HJALMARSSON

Estamos então procurando sujeira?

ULF SVANHOLM

Eu me pergunto que tipo de sujeira encontraremos... sujeira proveniente do trabalho honesto, ou sujeira do outro tipo?

BENGT HJALMARSSON

E onde devemos procurar?

ULLA ZORN

(Levanta os olhos de seu laptop.) Com as esposas. *(Pausa.)* É onde eu procuraria. Não são elas que geralmente limpam a sujeira?

FIM DA CENA 5

CENA 6

(1777. De dia. Numa ante-sala do Palácio.)



SCHEELE
Muito gentil de sua parte, viajar para tão longe, Monsieur Lavoisier. Eu nunca saí da Suécia.

LAVOISIER
O convite partiu de Sua Majestade... e todos nós sabemos da curiosidade de Sua Majestade por assuntos científicos. Mas...

SCHEELE
É verdade. Eu ouvi um "mas"?

LAVOISIER
(*Sorri.*) Mas ela inclui também a Química dos gases?

SCHEELE
Talvez.

LAVOISIER
(*Sarcástico.*) E inclui um desejo pessoal de verificarmos em público, como diz o convite... "as pretensões de cada cientista sobre a descoberta do 'Ar de Fogo'"?

SCHEELE
Pode ser.

LAVOISIER
Não se recusa um pedido de um rei. Mas –

SCHEELE
Mas, Monsieur?

LAVOISIER
Quem está por trás disso? Quem age como os ouvidos do rei?

SCHEELE
Torbern Bergman. *Primus inter pares* entre todos os cientistas suecos... bem como –

LAVOISIER
...seu padrinho mais influente.

SCHEELE
Essa proteção certamente não é um defeito?

LAVOISIER
Todos nós temos nossos protetores... e (*Como se estivesse fazendo o sinal-da-cruz.*) oramos todos os dias a Deus para terem uma vida longa e nós uma longa proteção.

SCHEELE
Amém. Então qual é a sua preocupação?

LAVOISIER
Bergman classificou todas as matérias químicas em inorgânicas e orgânicas...

SCHEELE
É somente um de seus muitos lances geniais.

LAVOISIER
O professor Bergman nunca se interessou pessoalmente por gases. Por que então viabilizou o nosso encontro? Para hastear a bandeira sueca acima de todas as outras?

SCHEELE
Porque eles quis saber quem a graça de Deus favoreceu primeiro entre nós três –

LAVOISIER
(*Irônico.*) E o senhor, não?

SCHEELE
Eu já o sei. Mas –

LAVOISIER
Mas, Monsieur?

SCHEELE
Mas o senhor o sabe? (*Pausa. PRIESTLEY entra em cena.*) Ou o Doutor Priestley?

LAVOISIER
Doutor Priestley, encontramos-nos novamente. (*Dirige-se a PRIESTLEY.*) O convite do rei, como o senhor sabe, exige de cada um de nós um experimento concreto...

PRIESTLEY

Sim?

SCHEELE

Experimento que por sugestão de Sua Majestade deverá ser executado por outro.

PRIESTLEY

Eu estranhei o motivo.

SCHEELE

Para confirmar as pretensões de cada um de nós.

PRIESTLEY

Pretensões? O que é um fato pode ser uma **pretensão?**

SCHEELE

Quando reproduzida por outro, a pretensão torna-se um fato.

PRIESTLEY

Realmente, é assim. Mas o rei coloca minha experiência em dúvida? Ou o senhor?

SCHEELE

Não, meu caro Doutor. Mas o mundo precisa de provas.

PRIESTLEY

O mundo as terá. Até amanhã, portanto!

LAVOISIER

(Retém-no.) Un moment! Madame Lavoisier e eu desejamos proporcionar aos senhores e suas esposas... e naturalmente a Sua Majestade... um entretenimento agradável... *(Pausa.)* ...e talvez alguma informação... Uma peça que escrevemos e encenamos... *(Pausa.)* ...apenas uma vez. Os senhores nos permitiriam apresentar nesta tarde uma encenação, com máscaras, sobre o flogístico e seu inimigo?

PRIESTLEY

Que maneiras estranhas os senhores têm na França de apresentar argumentos científicos!

LAVOISIER

Mas o rei da Suécia adora espetáculos de máscaras!

PRIESTLEY

(Com desaprovação.) E outros prazeres, conforme ouvimos.

(SCHEELE dá de ombros e sai, deixando LAVOISIER no palco. Ele olha para a platéia.)

FIM DA CENA 6

CENA 7

(Estocolmo, Academia Real de Ciências da Suécia, 2001. Num corredor.)



ULLA ZORN

Não posso simplesmente ficar aqui sentada... você precisa contar para eles.

ASTRID ROSENQVIST

Eu gosto de vê-los descontrolados, Ulla. Não machuca e é divertido.

ULLA ZORN

Se você assim o diz. *(Pausa.)* Posso perguntar-lhe uma coisa?

ASTRID ROSENQVIST

Claro que pode.

ULLA ZORN

O que **você** pensa realmente disso tudo?

ASTRID ROSENQVIST

Você não gostaria de ser jurado e juiz ao mesmo tempo?

ULLA ZORN

Por que os cientistas são tão obcecados por prêmios?

ASTRID ROSENQVIST

É uma doença ocupacional nossa. Não somos pagos satisfatoriamente pelo que fazemos. Mas espera-se de nós que nos portemos como... cavalheiros.

27. 592

ULLA ZORN

Não é o que eu ouvi aqui.

ASTRID ROSENQVIST

Refiro-me ao que escrevemos. Tudo o que temos...

ULLA ZORN

...é a satisfação de termos sido os primeiros.

ASTRID ROSENQVIST

Sim. E esta Comissão vai dar o mais renomado empurrão que existe na Ciência –

ULLA ZORN

Sem desejá-lo para você mesma?

ASTRID ROSENQVIST

Nenhuma mulher sueca recebeu-o até agora, em qualquer Ciência. Mas surgirá uma provavelmente.

ULLA ZORN

E que importância tem isso para você... ser a primeira?

ASTRID ROSENQVIST

Você está começando a se comportar como um promotor.

ULLA ZORN

Desculpe. Eu só queria saber que preço você estaria disposta a pagar para ser uma mulher cientista bem-sucedida.

ASTRID ROSENQVIST

Decidi não ter filhos. Muitos considerariam esse fato como um sacrifício, mas para mim foi uma decisão racional.

ULLA ZORN

Tal como Madame Lavoisier? *(Pausa.)* A Comissão é seu filho?

ASTRID ROSENQVIST

Esta Comissão cheia de disputas? O melhor anticoncepcional que eu conheço! *(Pausa.)* Certamente você notou os vários pontos de vista conflitantes?

ULLA ZORN

(Debochando.) Deu para perceber.

ASTRID ROSENQVIST

Você pode ver como são sutis o Ulf e o Sune.

ULLA ZORN

Como você e Bengt?

APAGAM-SE AS LUZES

FIM DA CENA 7

CENA 8

(1777. Nos jardins no Palácio. LAVOISIER ensaia, em voz baixa, algumas linhas do espetáculo de máscaras. Cena 13. A SENHORA POHL aproxima-se dele.)



SENHORA POHL

Monsieur Lavoisier! Que prazer encontrá-lo...

LAVOISIER

Madame, queira desculpar-me, mas tenho preparativos a fazer para o espetáculo de máscaras de hoje à noite.

SENHORA POHL

Mas certamente o senhor disporá de tempo para uma simples pergunta?

LAVOISIER

Perguntas feitas por uma mulher raramente são simples.

SENHORA POHL

Uma pergunta breve então?

LAVOISIER

Pior ainda: perguntas breves nunca são simples.

SENHORA POHL

Monsieur... eu não sou astuta no emprego de palavras.

LAVOISIER

Mas a senhora é desanimadoramente persistente. Sua pergunta então? Sua **única** pergunta?

SENHORA POHL
Ontem... na sauna –

LAVOISIER
(Rapidamente.) Um curioso costume nórdico... mas que
minha esposa achou excitante.

SENHORA POHL
Partiu de mim a idéia de convidar as senhoras.

LAVOISIER
A nudez pode desarmar.

SENHORA POHL
Madame Lavoisier não se sentiu desarmada.

LAVOISIER
Porque para ser desarmado... é preciso antes estar armado.

SENHORA POHL
Sua esposa estava armada. A discrição não é uma espécie de arma?

LAVOISIER
Madame Pohl, a senhora é muito observadora.

SENHORA POHL
Mulheres do interior precisam sê-lo.

LAVOISIER
(Começando a mostrar-se impaciente.) Mas a sua pergunta?
Sua pergunta simples e breve?

SENHORA POHL
Por que?

LAVOISIER
(Pasma.) Sua pergunta realmente é breve... mas simples?
Por que o quê?

SENHORA POHL
Por que o senhor aceitou o convite de nosso rei?

LAVOISIER
(Encara-a por longo tempo.) Isso deveria parecer-lhe óbvio –

SENHORA POHL
Parecia óbvio... já não é mais.

LAVOISIER
(Encarando-a de novo por longo tempo.) Madame Pohl.
(Pausa.) Au revoir.

(LAVOISIER inclina-se e sai de cena.)

FIM DA CENA 8

CENA 9

(Estocolmo, 1777. Jardins do Palácio. Encontra-se SCHEELE e MADAME LAVOISIER.)



SCHEELE
Madame!

MADAME LAVOISIER
Ah !... Monsieur Scheele ! Estou procurando meu esposo.
O espetáculo de máscaras desta noite ainda requer alguns preparativos.

SCHEELE
Não o vi, lamento muito. Mas Madame...

MADAME LAVOISIER
Sim?

SCHEELE
Entendi que a senhora cuida da correspondência de seu esposo.

MADAME LAVOISIER
Como o senhor soube disso?

SCHEELE
A Senhora Pohl contou-me.

MADAME LAVOISIER
Ela contou-lhe tudo?

SCHEELE
Ela é uma mulher honesta. Ela compartilha comigo as coisas boas... e as más.

MADAME LAVOISIER

Tal como uma esposa.

SCHEELE

Ou como uma amiga. Permita-me então uma pergunta.

MADAME LAVOISIER

Sim?

SCHEELE

A carta que eu enviei há três anos –

MADAME LAVOISIER

(Repentinamente em voz alta, e apontando para fora do palco, excitada.) Oh... lá está Antoine. Preciso alcançá-lo. *(Sai.)*

FIM DA CENA 9

CENA 10

(Estocolmo, 2001. O cenário sugere o vestiário de um ginásio ou academia. Os homens estão terminando de se vestir, tendo ao lado suas mochilas e raquetes de squash.)



ULF SVANHOLM

O que você pensa dela agora?

BENGT HJALMARSSON

De Astrid?

ULF SVANHOLM

Não, de Ulla Zorn.

BENGT HJALMARSSON

Como mulher? Águas profundas... mas não paradas. Mas como “assessora”?

ULF SVANHOLM

Que interessante denominação para um cargo!

BENGT HJALMARSSON

Astrid queria impressionar. É simplesmente uma palavra mais elegante para “secretária”.

ULF SVANHOLM

Ela não falou muita coisa... além de referir-se às esposas.

BENGT HJALMARSSON

É exatamente isso que me deixa desconfiado.

ULF SVANHOLM

De Ulla Zorn?

BENGT HJALMARSSON

De Astrid. Jogar a Zorn contra nós é parte de sua trama particular. Sinto alguma coisa no ar.

ULF SVANHOLM

Você só fala de Astrid... O que você pensa desse Prêmio Nobel retroativo?

BENGT HJALMARSSON

É muito cedo para dizer alguma coisa. E você?

ULF SVANHOLM

Relembrar a história de nossa disciplina é... salutar.

BENGT HJALMARSSON

Acho que você está ficando velho.

ULF SVANHOLM

E o que a idade tem a ver com isso?

BENGT HJALMARSSON

Na Ciência, só os velhos vivem no passado.

ULF SVANHOLM

E você?

BENGT HJALMARSSON

Eu estou interessado no meu futuro... É por isso que estou indo agora ao meu laboratório.

(Sai de cena.)

FIM DA CENA 10

CENA 11

(Nos jardins do Palácio. PRIESTLEY e MADAME LAVOISIER sentados num banco.)



PRIESTLEY

Muita coisa aconteceu desde o nosso último encontro.

MADAME LAVOISIER

Três anos são um longo tempo...

PRIESTLEY

Somente os jovens poderiam pensar assim...

MADAME LAVOISIER

Ah. E o senhor, Monsieur, o senhor possui a sabedoria que vem com a idade?

PRIESTLEY

Eu diria que se trata de capacidade de julgamento.

MADAME LAVOISIER

Sua esposa já lhe contou sobre nosso encontro?

PRIESTLEY

Com todos os detalhes, mesmo das varas de tília. Até parece que reanima. Minha esposa não me esconde nada.

MADAME LAVOISIER

(Em voz baixa.) Isso eu chamaria de fraca capacidade de julgamento.

PRIESTLEY

Por que?

MADAME LAVOISIER
Algumas coisas deveriam permanecer em sigilo... Mesmo numa sauna.

PRIESTLEY
Uma opinião... ou um julgamento?

MADAME LAVOISIER
Apenas um comentário. Não vem ao caso. *(Pausa.)* O senhor parece irritado, Monsieur... espero não ser eu a causa.

PRIESTLEY
Há três anos...

MADAME LAVOISIER
O senhor jantava à nossa mesa... satisfeito e participativo.

PRIESTLEY
A senhora traduziu...

MADAME LAVOISIER
Fiz o possível... e o senhor parecia grato.

PRIESTLEY
Na época eu estava.

MADAME LAVOISIER
E agora não mais?

PRIESTLEY
Não tenho certeza se a senhora transmitiu tudo...

MADAME LAVOISIER
Talvez meus conhecimentos de inglês deixem a desejar...

PRIESTLEY
O inglês de Madame é excelente.

MADAME LAVOISIER
Um julgamento ou um elogio?

PRIESTLEY
A senhora não conseguiu entusiasmar o seu esposo –

MADAME LAVOISIER
É claro, o tradutor é também um filtro, uma peneira...

PRIESTLEY
Cuja eficácia depende da malha.

MADAME LAVOISIER
De fato... e a minha é de malha fina.

PRIESTLEY
Estou falando de filtrar informações... não impurezas.

MADAME LAVOISIER
Eu também, Monsieur.

FIM DA CENA 11

CENA 12

(Estocolmo, 2001. Academia Real de Ciências da Suécia, duas semanas mais tarde.)



ASTRID ROSENQVIST

Assim, em seu leito de morte, Scheele casou-se com a viúva do farmacêutico que o precedeu. Comovente, Sune... mas que importância tem o fato para nós?

ULF SVANHOLM

(Com irritação.) O Prêmio Nobel retroativo é concedido pelas obras... não pelas vidas privadas!

SUNE KALLSTENIUS

E se você não puder separar as duas?

BENGT HJALMARSSON

Lavoisier certamente tinha uma vida privada! Ele até teve sua cabeça cortada... e isso nada tinha a ver com sua Química. Ele era coletor de impostos... ocupação que provavelmente gozava de pouca popularidade durante a Revolução Francesa. *(Pausa.)* Mas o seu candidato Scheele e a Senhora Pohl viviam juntos?

ASTRID ROSENQVIST

(Sarcástica e com deboche.) Uma questão profunda... de nosso especialista exclusivo em assuntos da vida privada!

SUNE KALLSTENIUS

Depende do que você entende por “viver juntos”. Na maior parte do tempo eles moravam na mesma casa, que

ela administrava para Scheele. *(Pausa.)* Se compartilhavam o mesmo quarto? Dizia-se de Scheele “que ele jamais tocava num corpo sem fazer uma descoberta”.

ASTRID ROSENQVIST

(Sarcástica.) Que homem!

SUNE KALLSTENIUS

Mas esses corpos eram compostos químicos, não mulheres. Na minha opinião, Scheele foi durante toda a vida um celibatário... um monge químico.

ULLA ZORN

Muito esperto!

SUNE KALLSTENIUS

Senhorita Zorn... parece que você sabe de alguma coisa sobre esse assunto. Afinal, foi você quem mencionou o papel das esposas.

ULLA ZORN

(Rapidamente, mas em voz baixa.) Sim.

SUNE KALLSTENIUS

Sim, você tem uma informação pertinente... ou sim, eles dividiam o quarto?

ULLA ZORN

“Sim” para a primeira pergunta... “talvez” para a última. *(Levanta-se e se enrola numa manta grande e antiquada.)* Está tão frio.

(ROSENQVIST, HJALMARSSON e SVANHOLM permanecem imóveis, observando a cena que se desenrola diante deles. ULLA ZORN e SUNE KALLSTENIUS trocam de figurino no palco, e assumem seus novos papéis.)

CENA 12A

(Diminui a iluminação sobre a Comissão. Luz sobre SCHEELE e a SENHORA POHL, que atravessa o palco para a parte lateral e finge estar moendo café. Faz frio – som de vento soprando.)



SENHORA POHL

Carl Wilhelm... está na hora de você deixar o galpão e entrar. Interrompa o trabalho durante a noite.

SCHEELE

Já vou... estou num ponto crítico.

SENHORA POHL

Está muito frio aí fora. Como seria bom se você pudesse dispor de um laboratório adequado.

SCHEELE

Estou quase pronto.

SENHORA POHL

No fogão há comida quente para você. Estou quase terminando de moer o café.

SCHEELE

Demorou para dissolver o minério que Bergman me mandou. Ele pode conter um novo metal.

SENHORA POHL

Chegou uma carta do seu editor de Uppsala.

SCHEELE

Nada do livro?

SENHORA POHL

Ele faz promessas a respeito.

SCHEELE

(Exasperado.) Mas quando ele vai publicá-lo? Terminei o livro no ano passado. Durante meses ele esteve debruçado sobre o manuscrito. Estou desapontado. Outros três meses decorreram agora, e meus experimentos sobre o Ar de Fogo cobrem-se de poeira naquela maldita gráfica.

SENHORA POHL

Outros conhecem seu trabalho.

SCHEELE

Alguns poucos amigos... aqui na Suécia. O livro deverá ultrapassar, e muito, as nossas fronteiras.

SENHORA POHL

Eu ajudaria, Carl Wilhelm. Se eu não fosse tão ignorante...

SCHEELE

Você me ajuda de muitas maneiras. Mas antes de comer, preciso escrever aquela carta.

SENHORA POHL

Para quem?

SCHEELE

Para Monsieur Lavoisier, o químico francês. Ele possui poderosas lentes para provocar a combustão, Sara, do tamanho de nossa casa. Com elas, ele consegue desencadear reações químicas que ninguém mais consegue. Na carta, vou pedir-lhe que repita meus experimentos que produzem o Ar de Fogo.

SENHORA POHL

Por que pedir para **ele**?

SCHEELE

Porque meu ar é novo... E se ele repetir meu trabalho, todos tomarão conhecimento dele... e de mim.

SENHORA POHL

(Com hesitação.) Desculpe-me, Carl Wilhelm... mas é este o seu maior desejo? Que o mundo fale de você?

SCHEELE

(Surpreso.) Ninguém me perguntou isso antes. *(Reflete.)* O respeito é importante –

SENHORA POHL

Você tem o respeito dos cidadãos de Köping.

SCHEELE

Eu gostaria de ganhar dinheiro suficiente... para sustentar a você e seu filho –

SENHORA POHL

Estamos vivendo satisfatoriamente.

SCHEELE

Porque você é muito econômica.

SENHORA POHL

Nunca me queixei.

SCHEELE

Gostaria também de ganhar o suficiente para comprar uma lente mais poderosa –

SENHORA POHL

E uma estufa para aquecer o seu laboratório! Carl Wilhelm... eu receio por sua saúde.

SCHEELE

(Comovido, segura-lhe a mão, observa demoradamente a própria mão, depois a dela.) Veja! O pó de café aderindo a sua mão! Será alguma forma de magnetismo?

(Luzes esmaecem, enquanto SCHEELE e SENHORA POHL trocam de figurinos no palco, e voltam a juntar-se aos demais membros da Comissão.)

ULLA ZORN

Você viu? Ele tocou numa parte de seu corpo e fez uma descoberta. *(Pausa.)* E poderia tratar-se de um magnetismo **pessoal**.

BENGT HJALMARSSON

(Admirado.) Onde você cavou essa história?

ULLA ZORN

Scheele mencionou esse incidente numa carta a Johan Carl Wilcke, o secretário da Academia Real de Ciências da Suécia.

BONE KALLSTENIUS

Mas como você conseguiu a carta? A maioria dos estudantes de Química mal sabe quem foi Scheele.

ULLA ZORN

Talvez mais por culpa dos professores do que dos estudantes.

BENGT HJALMARSSON

Mas como você descobriu essas informações preciosas?

ASTRID ROSENQVIST

Mais tarde.

BENGT HJALMARSSON

Não, Astrid. Agora!

ULLA ZORN

Estou concluindo minha tese de doutorado em História na Universidade de Lund.

BENGT HJALMARSSON

E como você encontrou essas referências sobre moer café e a amiga... ou seja lá o que ela era.

ULLA ZORN

Seu nome era Sara Margaretha Pohl. E eu encontrei esta história da mesma maneira como o senhor a teria encontrado: pesquisando!

BENGT HJALMARSSON

(Irônico.) Estou vendo. *(Continua em tom normal.)* Nesse caso, permitam-me que eu fale de **minhas** pesquisas... Todos conhecem Lavoisier, o químico. Mas ele foi também banqueiro e economista... que fez de tudo desde desacreditar o mesmerismo até embarcar pólvora para os norte-americanos... ouçam algumas deliciosas novidades sobre Madame Lavoisier.

ULLA ZORN

Deus do céu! Nunca imaginaria que meus comentários sobre esposas provocassem tais efeitos nos membros desta Comissão.

BENGT HJALMARSSON

Não se vanglorie, senhorita Zorn. Sempre lanço longe as redes nas minhas pesquisas.

ASTRID ROSENQVIST

Principalmente quando dizem respeito a mulheres! *(Ri.)* Desculpe o comentário... Prossiga, Bengt... conte-nos o que você pescou em sua rede.

BENGT HJALMARSSON

Antes de mais nada, Madame Lavoisier não era somente sua esposa... *(Para ULLA ZORN, em tom de deboche.)* Ela era também sua assessora... claro, não em tempo integral.

ULLA ZORN

(Com frieza.) Não é um cargo muito atraente para ser exercido em tempo integral por uma mulher ambiciosa.

ASTRID ROSENQVIST

Tudo é possível para uma mulher ambiciosa...

BENGT HJALMARSSON

Ela até ajudou no laboratório... embora tivesse pouco mais de treze anos quando se casou com Lavoisier... seu primeiro marido.

ULF SVANHOLM

Primeiro marido? Quantos homens existem nessa história?

BENGT HJALMARSSON

Seu segundo marido, o conde Rumford, acho que o que ela queria mesmo era esquecê-lo... embora fosse quase tão famoso como Lavoisier. Homens? Provavelmente um bom número... mesmo para os padrões de hoje. Benjamin Franklin entusiasmou-se bastante por ela. Já Pierre Samuel Du Pont...

SUNE KALLSTENIUS

O Du Pont norte-americano? O químico milionário?

BENGT HJALMARSSON

Seu pai francês. Mas essa era uma história diferente. Uma história de amor. *(Apanha uma folha de papel enquanto caminha lentamente em direção a ASTRID.)* Quatro anos depois da morte de Lavoisier, Du Pont escreveu uma carta para ela... e depois de... cito da própria carta: "Há vinte e dois anos nos conhecemos, dezessete dos quais de modo mais íntimo". *(Pausa.)* Em outras palavras, eles foram "íntimos"... durante pelo menos treze anos, enquanto ela ainda estava casada com Lavoisier.

ASTRID ROSENQVIST

Um casal moderno...

BENGT HJALMARSSON

(Continua a ler, mas agora num tom mais afetivo, encarando ROSENQVIST como se as palavras fossem dirigidas a ela.) "Se você tivesse continuado a amar-me, eu pacientemente teria aceito esse destino...". *(Levanta os olhos da carta, curta pausa antes de olhar para ROSENQVIST.)* É Du Pont quem fala... não eu... *(Retoma a carta e continua a leitura.)* "Porque uma única noite com você junto ao fogo da lareira... teria sido uma compensação para meus olhos e meu coração... eu pertencia a você, minha jovem dama ...", a jovem dama já tinha então quarenta e um anos!

(Toca um celular. Os membros da Comissão, irritados, entreolham-se, olham também para o público, como se tivesse vindo dali o chamado no telefone.)

ULLA ZORN

(Revira nervosa sua bolsa, enquanto o celular continua a tocar, com um desagradável acompanhamento musical. Finalmente ela encontra o celular e começa a falar em voz baixa, embora audível.) Alô? *(Breve pausa.)* Para Ithaca. *(Breve pausa.)* Nova Iorque... *(Breve pausa.)* O máximo de economia! *(Breve pausa.)* Três dias somente... no máximo quatro. *(Breve pausa.)* Telefone mais tarde... não posso falar agora. *(Desliga o telefone. Olha em volta, sem o mínimo ar de culpa.)* Desculpem... eu não sabia que estava ligado.

(A luz muda. BENGT e ULF dirigem-se para um lado do palco, ASTRID e ULLA para o outro. SUNE permanece imóvel em seu lugar.)

BENGT HJALMARSSON

Essa chamada telefônica.

ULF SVANHOLM

Não faço questão alguma de usar esse apetrecho execrável.

BENGT HJALMARSSON

Outro indício de que você está ficando velho. *(Ri.)* Por que será que ela vai para Ithaca?

ULF SVANHOLM

Provavelmente um namorado... na Universidade Cornell.

BENGT HJALMARSSON

Duvido.

(Iluminação muda.)

ULLA ZORN

(Para ASTRID.) Você não está zangada, está?

ASTRID ROSENQVIST

Achei divertido. Mas você se expõe demais.

ULLA ZORN

Bengt Hjalmarsson me irrita.

ASTRID ROSENQVIST

Bengt é um homem complicado.

ULLA ZORN

Suponho que se trata de um elogio.

ASTRID ROSENQVIST

No presente caso simplesmente uma observação empírica. Pense no estímulo necessário a um teórico para dar início a um experimento.

ULLA ZORN

Então você também suja suas mãos.

(A luz diminui. Volta iluminando a Comissão enquanto ASTRID volta a falar com os homens.)

ASTRID ROSENQVIST

Ulf... o que você desenterrou sobre Priestley? Ou você dedicou seu tempo à Senhora Priestley?

ULF SVANHOLM

De modo algum! Priestley viveu na época certa no país certo: a Inglaterra... o centro do estudo da Química Pneumática no século XVIII. No caso de Priestley, o químico autodidata era na verdade um pregador. Ele publicou cinquenta trabalhos sobre Teologia, treze sobre Educação, dezoito sobre temas políticos, sociais e metafísicos.

BENGT HJALMARSSON

Um pregador como químico amador...

ULF SVANHOLM

(Levantando a mão.) ...E **cinquenta** artigos e nada menos do que **doze** livros sobre Ciência! Você não chamaria isso de amadorismo, não é?

SUNE KALLSTENIUS

Mas o que **contêm** esses livros e artigos? Precisamos ocupar-nos com o conteúdo... com a qualidade... não com a diarreia autoral.

ULF SVANHOLM

Ora, ora! Só porque Scheele escreveu apenas um livro... só porque o seu candidato sofria de constipação...

ASTRID ROSENQVIST

(Em tom de advertência.) Basta! O que há com relação a Química?

BENGT HJALMARSSON

Priestley sabia o que estava fazendo?

ULF SVANHOLM

Ele submeteu o ar a toda a sorte de transformações químicas...

BENGT HJALMARSSON

De uma maneira totalmente aleatória.

ULF SVANHOLM

(Visivelmente irritado.) Ele aprendeu passo a passo, à medida que experimentava. Quando Lavoisier preparou seu “ar vital”, utilizou o método de Priestley, não é verdade? São os resultados que importam, e – contrariamente a Scheele – Priestley era suficientemente ambicioso para divulgar o que descobriu.

SUNE KALLSTENIUS

Pode ser que a ambição tenha turvado sua capacidade de entendimento.

ULF SVANHOLM

O que há de errado com a ambição? Encare a ambição como a falha num tapete persa que o torna valioso.

SUNE KALLSTENIUS

Quer dizer que um tapete sem defeitos pode não ser tão valioso... ou até mais valioso?

ULF SVANHOLM

Já estou arrependido de ter mencionado a ambição... ou os tapetes. Deixemos de lado os dois! De qualquer forma... Priestley gostava de falar de seu trabalho... provavelmente até com sua mulher. *(Em tom irônico.)* Ou isso a deixa surpresa, senhorita Zorn?

ULLA ZORN

Por que deveria? A Senhora Priestley era instruída... ela escrevia belas cartas...

(Diminui a luz sobre a Comissão.)

(HJALMARSSON, ZORN e KALLSTENIUS permanecem quase imóveis, enquanto ASTRID ROSENQVIST e ULF SVANHOLM trocam de figurinos no palco, atravessam-no e se dirigem para a parte anterior do mesmo.)

CENA 12B

(Luz sobre PRIESTLEY e SENHORA PRIESTLEY.)



SENHORA PRIESTLEY

E o que você fez em Paris?

PRIESTLEY

Visitei Versalhes com Lorde Shelburne.

SENHORA PRIESTLEY

(Afetuosamente.) E jantou muito bem, com certeza.

PRIESTLEY

De fato... inclusive numa noite, à mesa de Monsieur e Madame Lavoisier. A maioria dos filósofos naturalistas da cidade estavam presentes. Falei-lhes de meu novo ar, no qual uma vela queima muito melhor do que no ar comum.

SENHORA PRIESTLEY

Teria sido bom se você pudesse ter me levado, Joseph.

PRIESTLEY

E eu teria apreciado muito se você tivesse estado lá. Foi bastante difícil, Mary.

SENHORA PRIESTLEY

Não acreditaram em você?

PRIESTLEY

Quem sabe? Eu só me recordava das palavras francesas do cotidiano – não conhecia os termos científicos.

SENHORA PRIESTLEY

Eu teria traduzido para você.

PRIESTLEY

Eu sei. Você é uma mulher esperta, Mary... Mas quem teria cuidado das crianças? Seja como for... Madame Lavoisier perguntou-me como obtive o novo ar.

SENHORA PRIESTLEY

(Preocupada.) E você contou para ela?

PRIESTLEY

Claro. Madame Lavoisier entendeu tudo, e explicou-o a seu marido.

SENHORA PRIESTLEY

Eu sei, ela o ajuda no laboratório.

PRIESTLEY

Ajuda, sim. Depois do jantar, ela mostrou desenhos de seus equipamentos químicos...

SENHORA PRIESTLEY

Eu a invejo.

PRIESTLEY

Equipamentos muito melhores do que os meus... o que, espero, convencerá Lorde Shelburne a pegar mais fundo em seu bolso. Mas os desenhos eram muito bons...

SENHORA PRIESTLEY

Eu também já tinha aprendido a desenhar.

PRIESTLEY

Você me ajuda de muitas outras formas... você cuida da casa e da família...

SENHORA PRIESTLEY

E do dinheiro. Mas fico preocupada com nossos recursos. Você depende do patrocínio de Lorde Shelburne, que pode ser suspenso sem prévio aviso. *(Ela faz uma pausa, apontando para um jornal.)* Joseph... você ouviu o que Edmund Burke diz de você? "O gás silvestre, que surge logo que o ar fixo é solto."

PRIESTLEY

(Rindo.) Pelo menos ele entendeu corretamente um dos meus ares!

SENHORA PRIESTLEY

Eu gostaria que você fosse mais cauteloso. A política é perigosa para você. Há muita gente em Birmingham que atacaria você pelo que você diz sobre a liberdade e sobre Deus.

PRIESTLEY

As mudanças virão... libertando todos os poderes do

Homem das correntes que até agora o mantêm preso. Por que ter medo? E de quem? Desses bajuladores de reis?

SENHORA PRIESTLEY

Eu conheço a sua pregação, Joseph. E a respeito de seu laboratório... de seu trabalho ... de nossos filhos? O povo nos hostiliza.

PRIESTLEY

Que falem à vontade!

(Luz muda enquanto PRIESTLEY e a SENHORA PRIESTLEY trocam de figurinos no palco, e voltam a juntar-se aos demais membros da Comissão.)

ULF SVANHOLM

Não é irônico? Priestley – um químico conservador... basta pensar na sua interminável defesa do flogístico – era um revolucionário político e religioso tão temido que o populacho queimou sua casa em Birmingham. *(Pausa.)* Três anos mais tarde refugiou-se na América... com a ajuda de Benjamin Franklin.

BENGT HJALMARSSON

Enquanto que Lavoisier, revolucionário na Química, era conservador em assuntos políticos.

ASTRID ROSENQVIST

Podemos finalmente voltar à carta de Scheele? Lavoisier a recebeu? Ele a leu?

BENGT HJALMARSSON

Da parte de Lavoisier nenhum indício – nada de cartas, nem comentários, absolutamente nada que mostre se ele alguma vez recebeu uma comunicação escrita de Scheele. No entanto, a resposta é... *(Pausa.)* ...sim, ele a recebeu.

ASTRID ROSENQVIST

"Sim" para as duas questões?

BENGT HJALMARSSON

Para as duas.

ULLA ZORN

E a prova?

BENGT HJALMARSSON

O achado de Grimauux.

ULLA ZORN

(Mostrando-se divertida.) Por Deus! Estamos diante de um leopardo mudando suas pintas?

BENGT HJALMARSSON

Você teria a bondade de explicar melhor esse provérbio zoológico?

ULLA ZORN

Talvez eu devesse ter escolhido uma metáfora química: mercúrio convertendo-se em ouro, ou no presente caso o contrário. Afinal, Grimaux foi um químico francês que se tornou historiador. Não pensei que algum dos senhores se interessasse por tais vira-casacas.

BENGT HJALMARSSON

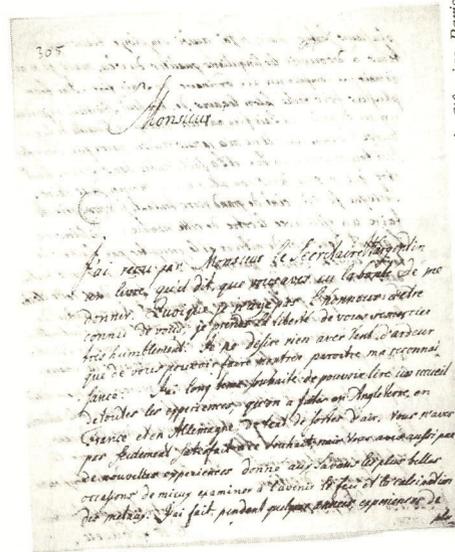
Como ele encontrou em 1890 a carta de Scheele, resolveu fazer uma exceção. Afinal... a carta existiu... perdida entre os papéis de Lavoisier por mais de cem anos.

ASTRID ROSENQVIST

E você viu a carta?

BENGT HJALMARSSON

(Começa a revirar a sua valise.) Sim, eu a vi. Está agora nos arquivos da Academia de Ciências da França. *(Com ar triunfante.)* E como prova eu trouxe alguns slides. Ouçam só: *(Projeta um slide e caminha até a tela, para apontar para as passagens relevantes. Lê rapidamente em francês.)* "Je ne desire rien avec tant d'ardeur que de vous pouvoir faire montrer ma reconnaissance."



Arquivo da Academia de Ciências, Paris

SUNE KALLSTENIUS

Pare de se pavonear e traduza!

BENGT HJALMARSSON

"Não há nada que eu deseje tão ardentemente do que poder mostrar-lhe minha descoberta."

SUNE KALLSTENIUS

(Com riso disfarçado.) Vejam só! Você está aderindo ao partido de Scheele!

ULLA ZORN

Professor Hjalmarsson... espero que o senhor não leve a mal uma pequena correção.

BENGT HJALMARSSON

Que correção?

ULLA ZORN

Reconnaissance significa "gradidão" e não "descoberta". Scheele apenas está agradecendo a Lavoisier por um livro que este lhe tinha enviado.

BENGT HJALMARSSON

(Ligeiramente irritado, mas recompondo-se rapidamente.) Mas é claro! Que burrice a minha! Muito obrigado, senhorita Zorn. Mas voltemos à carta. Aqui está o segundo slide. E observe *(Tom sarcástico.)* **mademoiselle** Zorn, aqui ele realmente descreve a sua experiência. *(Projeta o segundo slide.)*

SUNE KALLSTENIUS

(Levanta-se de um salto, caminha para a tela, e aponta para as últimas linhas.) Observem a data, 30 de setembro de 1774. E a assinatura de Scheele.

ULLA ZORN

(Imita o tom sarcástico de Hjalmarsson.) Mas **monsieur** Hjalmarsson, isso não prova que Lavoisier realmente leu a carta. *(Todos olham para ela, perplexos.)*

plusieurs fortes d'air; & j'ai aussi employé beaucoup de
 temps à découvrir les singuliers qualités du feu, mais je n'ai
 jamais pu composer un air ordinaire de l'air fixe: J'ai bien
 plusieurs fois hecho, selon les avis de Monsieur Priestley, de produire
 un air ordinaire de l'air fixe par un mélange de limaille de fer, de
 buffe & d'eau, mais il ne m'a jamais réussi, parce que l'air fixe
 n'est toujours uni au fer et la fait soluble dans l'eau. Ce n'est
 être que vous ne sachiez non plus aucun moyen de le faire.
 Lorsque je n'ai point de grand verre brutant, je vous prie de
 faire un effai avec le votre de cette manière: Dissolvez de
 l'acide dans l'acide nitreux et le précipitez par l'alkali de
 tartre, laissez précipiter, filtrez le, et le redistillez par le vase brutant
 dans votre machine fig. 8, mais parce que l'air dans cette cloche
 de verre est très, que les quinquais se meuvent et une partie de
 l'air fixe s'échappe de l'acide dans cette opération, il faut mettre
 un peu de chaux vive dans l'eau, où l'on a mis la cloche,
 à fin que cette est air fixe se pique plus vite avec la chaux.
 C'est par ce moyen que j'appris que vous verrez combien d'air
 se produit pendant cette réduction, et si une chandelle allumée
 pourrait s'en tenir le feu et les animaux vivre la dedans.
 Je vous serois extrêmement obligé si vous m'indiquiez le
 résultat de cette est expérience. Les honneurs d'être toujours
 avec beaucoup d'estime
 votre humble serviteur
 J. Lavoisier
 A Paris le 30 Mars 1774.
 E. W. Scheele.

Arquivo da Academia de Ciências, Paris

FIM DA CENA 12

CENA 13

(1777. Um teatro, com pano de boca. Sentados, de costas para o público, o DOUTOR e a SENHORA PRIESTLEY, SCHEELE, e a SENHORA POHL. Sugere-se de alguma forma a presença do camarote real, ocupado. Entram em cena os LAVOISIER.)



LAVOISIER E MADAME LAVOISIER
 (Respeitosa reverência.) Vossas Majestades!
 LAVOISIER
 Doutor e Senhora Priestley!
 MADAME LAVOISIER
 Farmacêutico Scheele, Senhora Pohl...
 LAVOISIER
 Bem-vindos!
 MADAME LAVOISIER
 Majestade, sabendo de vosso amor pelo palco e pela
 ópera...
 LAVOISIER
 Neste magnífico Teatro da vossa corte em Drottningholm...
 MADAME LAVOISIER
 Na tradição da corte de nosso rei Luís XVI...
 LAVOISIER
 Apresentaremos um pequeno entretenimento, com um
 espetáculo de máscaras, representando...

MADAME LAVOISIER
A vitória do Ar Vital...
LAVOISIER
Sobre o Flogístico!

(Ouve-se música solene. Os LAVOISIER, depois de colocarem cada um uma máscara, ensaiam passos de uma dança, e em seguida MADAME LAVOISIER dirige-se ao cravo e começa a tocar. LAVOISIER inicia a representação, em tom declamatório. A música vai enfraquecendo quando do início da representação propriamente.)

LAVOISIER
(Representando o Flogístico.)

(Sugere-se um tom de comédia durante a representação, em recitativo.)

*Eu sou da Química o Fogo Vital,
Elemento que libera os outros, cada qual.
Os filósofos gregos não sabiam o que pensar
Sobre como eu atuo sobre terra, água e ar.
Sem mim, o Flogístico, o mundo seria
Rudimentar e pouca luz teria.
Este é meu dom, os elementos combinar,
Transformá-los em tudo que se pode achar.*

(Os casais PRIESTLEY e SCHEELE desaprovam e fingem aplausos.)

MADAME LAVOISIER
*(Representando o Oxigênio.) (Com a máscara do oxigênio.)
Monsieur, a certeza de onde tirais,
De como é feito o mundo? Contai-me mais!
Vós dizeis de cada uma das terras o que fazem,
Mas mostrai-me como os elementos reagem.*

LAVOISIER
*Uma pergunta justa, Madame. Deveis primeiro o fogo
tomar,
Pois todas as coisas que queimam liberam-me para o ar.*

*Está tudo repleto de Flogístico, as gorduras, o carvão,
E já não estarei quando as coisas cinzas serão.*
MADAME LAVOISIER
Vós tendes então um fim?

LAVOISIER
*Não! Pois escutai-me cuidadosamente!
Não é somente o ar que me pode conter,
Há outros modos em que posso aparecer:
No ferro que enferruja já não mais estou presente!*

MADAME LAVOISIER
São infinitos vossos milagres! Contai-me mais!

LAVOISIER
*Sou eu que obtenho do minério o metal,
Nessa surpreendente extração meu papel é tal.
Encontrais-me no carvão, lembrai!
E do carvão o minério simplesmente me extrai!*

MADAME LAVOISIER
*Uma maravilha, senhor, mas muitas dúvidas deixais –
Que vossa teoria está de todo superada não notais!
Sabemos que dos ares o rol é variável:
Nitroso, vital, fixo e inflamável.
E a água é um composto e não um elemento,
Como meu esposo demonstrará em um momento.*

(Nesse momento PRIESTLEY fica bastante agitado.)

LAVOISIER
Uma revelação! Aguardo ansioso!

MADAME LAVOISIER
*Que o Flogístico é a chave para o Fogo, vós apregoais,
E para a ferrugem, mas por que o Ar Vital não
considerais?*

*Não poderia levar à ferrugem, e as chamas nutrir,
Combinado com o carvão, e com o ferro a fundir?
Dizeis que os metais precisam de vós, mas por qual
razão?*

*Pois se o oxigênio do minério é retirado com carvão?
Outro ponto que, receio, pode não ser certo
É vossa idéia da ferrugem. Sabeis decerto
Que o metal aumenta de peso ao assim se tratar
Mas insistis que nada de novo tem lugar!*

LAVOISIER

(Embaraçado.)

*Minha cara ! (Pausa.)... Flogístico pode ser tão leve
Que chega a não ter peso. Razão não poderei ter?*

(Tenta dançar com um grande balão, procurando elevar-se do chão.)

MADAME LAVOISIER

*Que bobagem dizeis, senhor, com tal assertiva!
Não existe isso – massa negativa!
Uma Revolução na Química aconteceu
No instante em que o Oxigênio nasceu.
O Flogístico é uma noção do passado,
Errado, posto de lado como fato superado!*

(O casal PRIESTLEY, SCHEELE e a SENHORA POHL tornam-se mais agitados a partir deste momento da encenação.)

MADAME LAVOISIER

(Prosseguindo.)

*Na transformação química isto será sempre de valia:
Nada se perde, nada se cria.
Nessa nova Química nos regozijemos;
Aos nossos soberanos protetores agradecemos,
Aos nossos Luís, Jorge, e Gustavo, o rei galante,
Em cujo esplendor nos reunimos nesse instante
Sepultando o Flogístico inútil. Juntai-vos celebrando
O Ar Vital, que do confronto saiu triunfando!*

(O Flogístico e o Ar Vital lutam ao som da música final. MADAME LAVOISIER fura o balão com uma agulha, o balão explode. O Flogístico cai ao chão. O casal PRIESTLEY, SCHEELE e a SENHORA POHL derrubam suas cadeiras e saem apressadamente do palco.)

(LAVOISIER e MADAME LAVOISIER tiram suas máscaras e as jogam ao chão.)

LAVOISIER

Eles não se divertiram! Talvez tenhamos ido longe demais.

MADAME LAVOISIER

Plantamos uma semente... a dúvida deles crescerá.

LAVOISIER

É o que me preocupa.

FIM DA CENA 13

FIM DO PRIMEIRO ATO

BRUNO CAFFI

SEGUNDO ATO

BRUNNEN

CENA 14

(Estocolmo 1777. O cenário sugere um ambiente no Palácio. No centro do palco uma mesa para as demonstrações. À direita, um apoio para livros, e mais ao fundo, à direita, uma tela que pode ser usada para jogos de luz e sombra. Na mesa, serão realizados experimentos reais e simulados; as projeções podem ser mostradas nas telas laterais. À esquerda, no palco, três cadeiras para as senhoras.)



VOZ DO ARAUTO DA CORTE

(Uma voz forte, algo pomposa.) Majestades, estimados convidados! Em toda a Europa, a Química Pneumática está na ordem do dia. Surgiu uma controvérsia: quem, entre estes três grandes sábios, descobriu o Ar Vital que sustenta a vida? *(Pausa.)* Uma medalha de ouro... com a efígie de nosso rei Gustavo III... será cunhada em honra do verdadeiro descobridor. Mas nosso rei é conhecido também pela sua generosidade em outros campos...

PRIESTLEY

(À parte.) Enquanto ele desperdiça o dinheiro de seus súditos...

(Trompetes.)

VOZ DO ARAUTO DA CORTE

Que comece o “Julgamento de Estocolmo”! E que os três sábios sejam seus próprios juízes! Ar Vital! *(Pausa.)* Quem foi o primeiro a prepará-lo?

SCHEELE

(Calmamente, mas rapidamente, sobrepujando os outros.) Eu o preparei! E chamei-o de *eldsluft*... um adequado termo sueco para “Ar de Fogo”.

PRIESTLEY

Mas não se trata do ar do qual se retirou todo o flogístico? Do ar que inflama todas as coisas? É por isso que o chamei de “ar desflogisticado”. *(Pausa.)* Mas meu caro Scheele... onde poderíamos ter tomado conhecimento de sua descoberta?

SCHEELE

Em meu livro, que está prestes a ser publicado...

PRIESTLEY

Eu preparei esse ar aquecendo *mercurius calcinatus* em 1774, e *(Pausa, e a seguir em voz mais alta e enfaticamente, dirigindo-se a SCHEELE.)* comuniquei esta descoberta no mesmo ano!

LAVOISIER

(Sorridente.) *Mes amis!* Aquele que desentoca o coelho nem sempre o caça!

SCHEELE

Não há coelho para caçar enquanto ninguém iniciar a caça!

LAVOISIER

Cabe a nós decidir quem percebeu primeiro a verdadeira essência desse Ar Vital...

PRIESTLEY

(Sarcástico.) E o que **isto** significa ?

SCHEELE

É fundamental saber quem **preparou** esse ar primeiro...

PRIESTLEY

...pois é a descoberta que será lembrada pela posteridade, e não sua interpretação efêmera...

LAVOISIER

(Mudando de assunto.) Façamos os experimentos que julgamos fundamentais nesse assunto. Com qual experimento iniciaremos?

SCHEELE

Monsieur Lavoisier, conceda-me a honra de executar o

experimento que eu trouxe a sua atenção na minha carta, há uns três anos –

LAVOISIER

Não sei de carta alguma –

SCHEELE

(Toma a carta das mãos da Senhora Pohl.) Deixe-me lê-la para o senhor.

(Diminuição da luz, que se concentra nos dois homens. Esta é a primeira de três cenas com representação de experimentos. O palco permanece no escuro, exceto sobre a bancada e no personagem que executa o experimento, bem como naquele que o orienta.)

Dissolva a prata em ácido do salitre, e precipite-a com târtaro alcalino. Lave o precipitado, seque-o, e reduza-o com auxílio de uma lente de seu equipamento...

LAVOISIER

Mas eu não trouxe lente alguma!

SCHEELE

Peço-lhe desculpas. Com a lente em mãos, Monsieur. Quando inicialmente lhe escrevi, pensei na sua famosa e enorme lente, tão superior à que tenho na minha farmácia. Não importa. Será liberada uma mistura de dois ares. E restará uma resíduo de prata pura.

LAVOISIER

E depois?

(Luz diminui, os homens continuam, pode ser com gestos, o experimento. Luz sobre as mulheres à esquerda do palco.)

SENHORA POHL

Uma vez o farmacêutico Scheele chamou-me a seu galpão, para mostrar-me um experimento já utilizado por ele antes, em Uppsala. Ele estava borbulhando o ar de fogo recém-formado através de uma espécie de água.

MADAME LAVOISIER

Deve ter sido água de cal.

SENHORA PRIESTLEY

A água ficou turva, não ficou?

SENHORA POHL

Como a senhora sabe?

SENHORA PRIESTLEY

Eu assisti às aulas de Joseph sobre o ar fixo.

MADAME LAVOISIER

É o mesmo ar que expiramos... o ar que removemos com a passagem através da água de cal.

SENHORA POHL

Depois ele me pediu que colocasse no ar remanescente um graveto já apagado. Apenas em brasa numa das extremidades. Já estava escurecendo.

SENHORA PRIESTLEY

E o graveto inflamou-se com uma chama brilhante... e permaneceu aceso!

(A extremidade do graveto inflama-se, no experimento, no mesmo instante em que a SENHORA PRIESTLEY começa sua fala. Apaga-se a luz sobre as mulheres, voltando a focalizar os homens.)

SCHEELE

Eu realizei essa experiência em 1771, três anos antes do seu experimento, Doutor Priestley, numa farmácia em Uppsala... com equipamentos muito mais modestos do que os que agora Sua Majestade coloca à nossa disposição.

PRIESTLEY

Mas o senhor nada comunicou a respeito?

SCHEELE

Contei ao professor Bergman... eu pensei que ele iria contar a outros químicos. Eu precisava ganhar meu sustento. Queria continuar meus experimentos. Eu só dispunha de pouco tempo para escrever sobre minhas observações. *(Agita a folha.)*

PRIESTLEY

Seu experimento envolveu um sal de prata.

SCHEELE

Nos três anos seguintes eu obtive o ar por muitos procedimentos diferentes. Inclusive a partir do *mercurius calcinatus* vermelho, como também o senhor o fez.

LAVOISIER

Esse composto vermelho de mercúrio – também foi a

partir dele que nós... quero dizer, o Doutor Priestley e eu... preparamos esse ar.

PRIESTLEY

Nós? *(Pausa.)* Não trabalhamos no mesmo laboratório, Monsieur Lavoisier! Peço-lhe que diga com toda clareza quem fez o que e quando. *(Mais veemente.)* Mais do que uma vez os meus experimentos com a Química Pneumática foram citados pelo senhor –

LAVOISIER

E isso é motivo para queixas?

PRIESTLEY

Para serem depois menosprezados... e até mesmo ignorados.

LAVOISIER

E como eu teria feito isso?

PRIESTLEY

O senhor escreve. *(Com pesado sarcasmo.)* “**Nós** fizemos isso... e **nós** encontramos aquilo.” Seu majestático “nós”, senhor, faz as **minhas** contribuições desaparecerem... puf!... evaporaram! *(Pausa.)* Quando eu publico, eu digo, “**Eu** fiz... eu encontrei... **eu** observei”. Eu não me escondo atrás de um “nós”.

LAVOISIER

Basta de guerra verbal. *(Mais alto.)* E agora?

PRIESTLEY

Eu obtive esse ar primeiro... e o fiz trabalhando sozinho. E vou mostrar agora ao senhor como o fiz. Senhor Scheele, o senhor repetiria o experimento?

SCHEELE

Será uma honra fazê-lo.

(Ambos dirigem-se à mesa de demonstrações; a luz diminui.)

PRIESTLEY

Em agosto de 1774, eu expus no meu laboratório o *mercurius calcinatus*... a crosta vermelha que se forma quando o mercúrio é aquecido na presença de ar... à ação da luz, com auxílio de minha lente de aumento. À medida que o sólido vermelho é aquecido, será liberado um ar, enquanto glóbulos escuros de mercúrio condensarão nas paredes do recipiente. O “ar” poderá ser coletado borbu-

lhando-o através de água. Cuidado, Senhor Scheele, logo que o gás aparecer, recolha-o debaixo da água.

LAVOISIER

E onde está sua balança, Doutor Priestley? O “ar” liberado não deveria ter sido pesado?

PRIESTLEY

Será suficiente medir o tempo. Temos aqui duas campânulas... uma contendo ar comum... a outra o meu novo “ar desflogisticado”. Senhor Scheele, coloque agora um camundongo...

(A luz se apaga sobre os dois homens, que continuam insinuando a execução do experimento com dois frascos e dois camundongos mecânicos numa gaiola. Luz sobre as mulheres.)

SENHORA PRIESTLEY

Eu perguntei-lhe – por que camundongos?

SENHORA POHL

E por quê?

SENHORA PRIESTLEY

Ele disse: os camundongos são seres vivos como nós. Você usaria crianças inglesas?

MADAME LAVOISIER

Eles vivem em um dos componentes do ar comum.

SENHORA PRIESTLEY

Então ele colocou um camundongo sob a campânula contendo o ar comum.

(No escuro, SCHEELE faz menção que o camundongo mecânico escapa, e o segura pelo rabo.)

SENHORA POHL

Onde ele morreu depois de algum tempo.

SENHORA PRIESTLEY

Como a senhora sabe disso?

SENHORA POHL

O farmacêutico Scheele mostrou-o para mim.

MADAME LAVOISIER

É um fato bem conhecido, descrito também por outros pesquisadores.

SENHORA PRIESTLEY

E em seguida colocou outro camundongo em –

(SCHEELE finge estar colocando o segundo camundongo num frasco.)

SENHORA POHL

“Ar de Fogo”...

SENHORA PRIESTLEY

O “ar desflogisticado” do meu Joseph...

MADAME LAVOISIER

E ele sobreviveu por muito mais tempo, não é verdade? É por isso que chamamos esse novo ar de “respirável”. Ou “vital”.

SENHORA POHL

(Sorrindo.) No trato com seres vivos, Carl Wilhelm frequentemente pode ser bastante desastrado. Ele muitas vezes deixou-os cair! Mas como eu sou do campo, sei lidar com camundongos. E quando eu não conseguia pegá-los, os gatos conseguiam.

SENHORA PRIESTLEY

Odeio camundongos.

(Apagam-se as luzes sobre as mulheres. Volta a iluminação sobre os homens.)

LAVOISIER

Não há dúvida de que o método do Doutor Priestley produz ar vital. Mas –

PRIESTLEY

Mas, Monsieur?

LAVOISIER

Agora é minha vez. Posso continuar?

SCHEELE, PRIESTLEY

Certamente.

LAVOISIER

Observamos simplesmente que o camundongo sobrevive por mais tempo no “ar vital” que nós todos obtivemos. Mas ao final, este camundongo também morre, quando o “ar vital” acaba. Contudo, no meu trabalho **próprio**... eu fui muito, muito mais longe do que observar camundongos morrendo. Vossa Majestade! Cavalhei-

ros! Este ar... que eu proponho chamarmos de agora em diante *Oxigênio*.

PRIESTLEY

(Interrompendo.) Protesto, senhor! É fácil atribuir a alguma coisa um nome novo... quando não se sabe o que se tem em mãos! Limite-se aos fatos, senhor! Por que não ar desflogisticado –

LAVOISIER

Conheço esse “ar” tão bem quanto o senhor, Monsieur. “Oxi” é grego... significando azedo, ácido. E como acredito que esse ar existe em todos os ácidos, estou me limitando aos fatos...

PRIESTLEY

Fatos! Ora! O senhor está sendo azedo ou até ácido... mas o nosso “ar desflogisticado” não o é.

LAVOISIER

Permita-me por gentileza que eu continue. Esse ar está situado no cerne de toda a Química. Mostrei que quando respiramos, a maravilhosa máquina humana transforma um dado peso de *oxigênio*... em outros gases e em água.

PRIESTLEY

Mas isso é óbvio!

LAVOISIER

Não enquanto não pesarmos os materiais! E para tanto... *(Dirige-se a PRIESTLEY.)* ...**não** é suficiente medir o tempo... pois nada se ganha... e nada se perde neste mundo... seja na economia de um país, seja numa reação química... é preciso determinar o balanço químico da vida.

PRIESTLEY

(Com descaso.) Ah, fala o banqueiro ainda contando seu dinheiro...

LAVOISIER

(Ignora o comentário de PRIESTLEY.) Eu trouxe de Paris uma vestimenta de borracha que eu inventei... ela retém todos os materiais liberados pelo corpo... para mostrar que existe uma conservação da massa. *(Pausa.)* Doutor Priestley, o senhor está preparado para executar o experimento?

PRIESTLEY

Certamente, estou preparado... até mesmo para pesar os materiais em suas balanças...

LAVOISIER

Meus experimentos são complexos do ponto de vista técnico. Quem sabe o Senhor Scheele poderá ajudar?

(SCHEELE junta-se a PRIESTLEY.)

PRIESTLEY

Parece que necessitamos de um voluntário para o nosso experimento... para vestir sua moderna armadura. *(Olha em volta, procura sua mulher.)* Mary?

SENHORA PRIESTLEY

(Relutante.) Eu ajudaria, Joseph, mas eu temo por minha vida neste curioso traje francês.

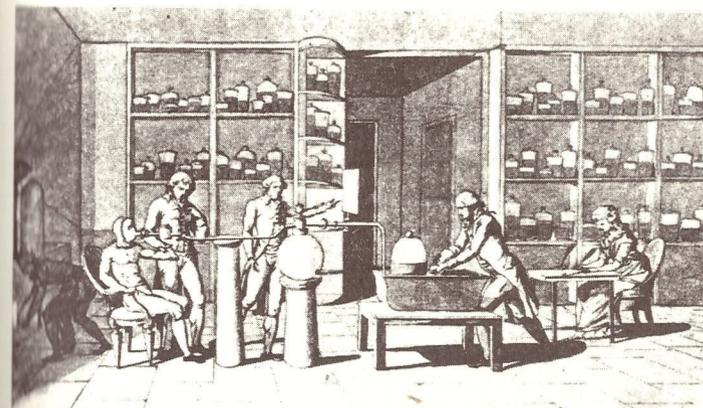
PRIESTLEY

Não tenha medo. É apenas ciência.

MADAME LAVOISIER

Eu o farei!

(MADAME LAVOISIER caminha com determinação. Ele pega a “roupa de borracha”, semelhante a uma roupa de mergulho anti-quada. SCHEELE e PRIESTLEY ajudam-na a vesti-la, atrás da tela. Pode ser mostrada a projeção na tela de um de seus desenhos sobre o experimento.)



Esboço de Madame Lavoisier: coleção particular, cortesia de Marco Beretta.

LAVOISIER

Não basta o senhor pesar minha esposa... o senhor deve pesar também esta vestimenta de borracha. As medidas podem durar várias horas.

SENHORA PRIESTLEY

(Chocada.) Pobre Madame!

LAVOISIER

Experimentos quantitativos são uma tarefa pesada.

(Apagam-se as luzes sobre os homens, permanecem sobre MADAME LAVOISIER na roupa de borracha, e sobre a SENHORA PRIESTLEY e a SENHORA POHL.)

SENHORA PRIESTLEY

Ela desenhou os experimentos de seu esposo.

(É projetado na tela um dos desenhos de MADAME LAVOISIER sobre o experimento, devendo a projeção permanecer durante o restante do diálogo.)

SENHORA POHL

Para quê? Para sua satisfação?

SENHORA PRIESTLEY

Suponho que para registrar o fato.

SENHORA POHL

Mas por que seria necessário um "registro"?

SENHORA PRIESTLEY

Para provar aos outros o que foi feito, é claro.

SENHORA POHL

E para provar **quando** foi feito o experimento, suponho.

(Diminui a iluminação sobre as mulheres.)

LAVOISIER

(Dirigindo-se a PRIESTLEY.) Peço-lhe para proceder com cuidado... pois a margem de erro deve permanecer inferior a 18 grãos em 125 libras. O que o senhor determinou?

PRIESTLEY

Que Madame Lavoisier perdeu peso. *(MADAME LAVOISIER*

parece exausta, mas sorri.) Mas se levarmos em conta a água e o ar fixo eliminados na respiração, observa-se de maneira geral um equilíbrio.

LAVOISIER

Agora que verificamos, cada um de nós, os experimentos dos outros, agora vemos que nada é criado –

PRIESTLEY

Exceto por Deus.

LAVOISIER

Nem destruído.

SCHEELE

Exceto pelo Homem.

MADAME LAVOISIER

Ou pela mulher. Principalmente quando ela é objeto de um experimento.

LAVOISIER

(Indo direto ao assunto e sem considerar o gracejo.) Cavaleiros! Esta importante constatação da conservação da massa *(Com ênfase.)* ...faz estourar a bolha imaginária do flogístico!

PRIESTLEY

Não na minha opinião, senhor! *(Dirigindo-se a LAVOISIER.)* O experimento que o senhor nos fez repetir com tanto esforço, com balanças, e com o sofrimento paciente de sua esposa... realmente demonstra... não posso deixar de confessá-lo... **uma** das funções de seu... *(Mostra um tom sarcástico.)* "ar respirável". *(Pausa.)* Mas, Monsieur, o senhor não nos mostrou **como** obteve esse ar.

LAVOISIER

Eu sabia que o meu ar estava presente no ar atmosférico comum. Pois não o vi reagindo com metais... com enxofre... ou com fósforo?

PRIESTLEY

Isso não nos mostra como o senhor obteve o "ar desflogisticado"...

LAVOISIER

Pare de falar em "desflogisticado", Doutor Priestley. O nome é derivado de uma teoria totalmente ultrapassada.

PRIESTLEY

Não para mim.

SCHEELE

Não para mim.

LAVOISIER

Por que não um novo nome para o ar, para dar um paradeiro em toda essa discussão? De acordo.

PRIESTLEY

Chamá-lo de (*Propositalmente exagera o sotaque francês.*) *oxygène*? E render-se à tirania de uma nomenclatura inventada pelo senhor?

LAVOISIER

(*Furioso.*) Quando a Ciência começa a exigir uma nova estrutura... quando, na verdade, torna-se necessária uma verdadeira revolução, também novos nomes passam a ser necessários.

PRIESTLEY

Mas o senhor não sabia de que gás se tratava!

LAVOISIER

Eu percebi a necessidade de existir um gás que explicasse a ferrugem, a combustão e a respiração!

PRIESTLEY

(*Em tom acalorado.*) Mas até aquele jantar em outubro, em Paris, quando eu lhe comuniquei minhas observações... o senhor não conhecia a natureza desse ar...

SCHEELE

(*Com vigor atípico para ele.*) E desde aquele dia de outubro em que o senhor recebeu minha carta, que explicava como obter o “ar de fogo”...

(*Eles discutem simultaneamente até o final da cena.*)

LAVOISIER

Eu comecei meus experimentos com o *mercurius calcinatus*...

PRIESTLEY

Só depois que o senhor ouviu falar de minha descoberta...

SCHEELE

O senhor não sabia como preparar esse ar...

VOZ DO ARAUTO DA CORTE

(*Som de passos, de marcha.*) Ordem! Ordem! Cavalheiros!... Sua Majestade está irritado. (*Pausa.*) O desagrado do rei é o único veredicto que os senhores receberão hoje!

FIM DA CENA 14

CENA 15

(*Estocolmo 2001. Um pequeno bar na Academia Sueca. ASTRID encontra-se numa mesa à esquerda, com ULLA. ASTRID se afasta em direção ao reservado.*)



BENGT HJALMARSSON

(*Caminha em direção a ULLA ZORN e a encara.*) O que foi mesmo que você disse ser o assunto de sua tese de doutoramento?

ULLA ZORN

O senhor nunca me perguntou.

BENGT HJALMARSSON

Estou perguntando agora.

ULLA ZORN

“Mulheres na vida de alguns químicos do século XVIII”.

BENGT HJALMARSSON

Espero que a senhorita não se importe com um comentário.

ULLA ZORN

Não tive como evitá-los antes. Um a mais não vai me atingir.

BENGT HJALMARSSON

Então, Astrid achou que seria necessário introduzi-la disfarçadamente na Comissão. A senhorita não se sente usada?

ULLA ZORN

Com o senhor eu me sentiria. Mas não com a professora Rosenqvist.

BENGT HJALMARSSON

"Professora Rosenqvist!" Por que a senhorita não a chama de Astrid?

ULLA ZORN

Geralmente eu o faço.

BENGT HJALMARSSON

E por que não agora?

ULLA ZORN

Uma questão de respeito. Não gostei do modo como o senhor a interrogou a meu respeito.

BENGT HJALMARSSON

Eu estava irritado. Estou irritado. Surpresas não me agradam.

ULLA ZORN

O senhor deixou bem clara a sua opinião sobre a História e os historiadores.

BENGT HJALMARSSON

Como poderíamos adivinhar que havia uma historiadora entre nós?

ULLA ZORN

Os senhores não teriam agido de modo diferente.

BENGT HJALMARSSON

(Rindo.) Provavelmente não.

ULLA ZORN

(Com ar distraído.) Na verdade, sinto que agora alguma coisa mudou.

BENGT HJALMARSSON

É mesmo?

ULLA ZORN

Agora os senhores pensam que são todos especialistas em **meu** campo de trabalho. Quando observo a todos os senhores... digladiando-se mutuamente... importando-se com quem publicou... com quem não publicou... Não era essa a idéia que eu tinha da Ciência e dos cientistas.

BENGT HJALMARSSON

A senhorita achava que nós ficávamos classificando be-souros numa vitrine de um museu?

ULLA ZORN

Eu pensava que o coração da Ciência era a verdadeira

curiosidade, o desejo de conhecer. Vejo essa postura em Scheele... talvez também em Priestley. Mas começo a ter dúvidas com relação a Lavoisier.

BENGT HJALMARSSON

Então Lavoisier é meticuloso demais para o seu gosto. O interesse dele por medidas exatas é diferente de seu interesse por datas exatas e por documentos?

ULLA ZORN

Estou também falando de cada um dos senhores...

BENGT HJALMARSSON

A senhorita está confundindo Ciência com cientistas.

ULLA ZORN

Estou?

BENGT HJALMARSSON

A Ciência é um sistema... uma busca conduzida e norteada pela curiosidade... baseada sempre naquilo que é real... Esse sistema funciona...

ULLA ZORN

E não importa o que motiva os cientistas nessa busca?

BENGT HJALMARSSON

Os cientistas podem estar atrás da prioridade... de poder... de dinheiro... Enquanto eles publicarem suas pesquisas, Ulla, haverá quem ponha à prova suas descobertas.

ULLA ZORN

E com que frequência isso acontece?

BENGT HJALMARSSON

Quanto mais interessante a descoberta, maior o rigor com que será testada...

ULLA ZORN

Para mostrar que os outros estão errados? Que nobre motivação!

(ASTRID junta-se a eles e senta-se perto de BENGT.)

BENGT HJALMARSSON

Mas é o que ainda nos mantém honestos... na maior parte do tempo. Não importa se são anjos ou demônios que descobrem como o mundo funciona. Tampouco importa se eles reconhecem ou não a contribuição dos outros...

ULLA ZORN

O senhor está sendo um grande cínico.

ASTRID ROSENQVIST

Talvez todos sejamos um pouco cínicos, Ulla.

BENGT HJALMARSSON

(Jogando um olhar para ASTRID.) Talvez, Astrid. Talvez. Mas uma outra parte de mim sabe também que a Ciência nem sempre está ligada ao poder... ao controle... ou mesmo ao progresso. O mundo pode ser um parque de diversões, repleto de segredos. E nesse mundo será um prazer para mim simplesmente saber porque uma molécula é dobrada, e outra linear.

(HJALMARSSON faz de conta que ele "dobra" uma molécula com as mãos.)

ULLA ZORN

(Um pouco irônica, mas comovida.) Em outras palavras, os cientistas também podem sentir prazer no que fazem?

ASTRID ROSENQVIST

Como os historiadores?

BENGT HJALMARSSON

Quem conhece os historiadores? *(Ele sorri para ULLA.)*
Vejo-a mais tarde. Preciso voltar ao laboratório.

(BENGT sai de cena.)

ASTRID ROSENQVIST

Bem, Ulla... o que você pensa de Bengt agora?

ULLA ZORN

(Cochichando.) Como você disse antes... um homem interessante.

ASTRID ROSENQVIST

Se bem me lembro eu disse "complicado". *(Olha, pensativa, para ULLA ZORN.)* Quero contar-lhe algo sobre ele. Você sabe que ele trabalhou no Instituto Pasteur. Ali ele conheceu uma jovem bióloga francesa. Ela veio com ele para a Suécia.

ULLA ZORN

(Muito curiosa.) Mas isto é interessante!

ASTRID ROSENQVIST

Eles viveram juntos, mas ela não suportou nossas noites

de inverno. Por isso, retornou para a França. Desde então Bengt passa todo o tempo possível no laboratório. Mas à noite ele toca violoncelo.

ULLA ZORN

Então você gosta de Bengt?

ASTRID ROSENQVIST

Acho que você também... não é mesmo?

FIM DA CENA 15

BIBLIOTECA-FFCLRP

BIBLIOTECA-FFCLRP

CENA 16

CENA 16A

(Tarde, em 1777, depois do "Julgamento de Estocolmo". Provavelmente nos aposentos de LAVOISIER.)



MADAME LAVOISIER
Você vai encontrar-se com os dois?
LAVOISIER
Sua Majestade insistiu.
MADAME LAVOISIER
Antoine, aquele jantar em Paris, com Priestley... preocupa-me.
LAVOISIER
A mim também. Havia testemunhas.
MADAME LAVOISIER
E a carta?
LAVOISIER
Que carta?
MADAME LAVOISIER
A carta de Scheele. Eu a vi...
LAVOISIER
(Tomado de espanto.) Você a viu?

MADAME LAVOISIER
É complicado... mas eu não podia contar nada a você.
LAVOISIER
(Furioso.) E por que o faz agora?
MADAME LAVOISIER
Eu me sinto culpada.
LAVOISIER
(Ainda mais irritado.) Eu devo compartilhar sua culpa?
MADAME LAVOISIER
Você é meu marido.
LAVOISIER
Onde está a carta?
MADAME LAVOISIER
Escondida.
LAVOISIER
(Incrédulo.) Você não a destruiu?
MADAME LAVOISIER
Você parece tão furioso. Por que?
LAVOISIER
Não quero discutir o assunto.
MADAME LAVOISIER
Não pode dizê-lo a sua mulher?
LAVOISIER
Não posso dizê-lo a ninguém.
MADAME LAVOISIER
Mas por que não?
LAVOISIER
Uma vez dito, eu terei que negar o meu pensamento... ou condená-lo.
MADAME LAVOISIER
Então você desaprova o que eu fiz?
LAVOISIER
Você ainda é jovem.
MADAME LAVOISIER
Por que culpar a juventude?
LAVOISIER
A sutileza só chega com a maturidade.
MADAME LAVOISIER
Você ensinou-me Química... ensine-me agora como ser sutil.
LAVOISIER
A sutileza não pode ser ensinada.

MADAME LAVOISIER

Nem explicada?

LAVOISIER

Se eu soubesse que Scheele escolheria uma carta pessoal – e não uma comunicação científica tradicional – para fazer valer sua prioridade, eu teria desejado o sumiço dessa carta.

MADAME LAVOISIER

É claro. É por isso que –

LAVOISIER

Espere! Mas eu não gostaria de saber **como** ela desapareceu.

MADAME LAVOISIER

Se isso for sutileza... eu nada entendo do assunto.

LAVOISIER

Um pensamento incorreto, quando pronunciado, torna-se uma injustiça.

MADAME LAVOISIER

É o jurista que existe em você... um papel de que eu nunca gostei.

LAVOISIER

Ninguém gosta da lei... principalmente quando envolve culpa.

MADAME LAVOISIER

Eu sou a culpada... admito-o... mas somente para você.

LAVOISIER

Com o peso que me traz o conhecimento do fato... como posso concordar com o agir de minha esposa?

MADAME LAVOISIER

Mesmo quando pretendia ser uma prova de amor... por você?

LAVOISIER

Principalmente quando feito por amor... pois nesse caso eu deveria rejeitar também o seu amor.

CENA 16B

(Tarde de 1777, depois do "Julgamento de Estocolmo". A SENHORA PRIESTLEY está barbando seu marido, sentado numa cadeira, com o rosto esticado.)



SENHORA PRIESTLEY

Por que enfrentá-lo?

PRIESTLEY

É complicado... mas preciso fazê-lo.

SENHORA PRIESTLEY

Para provar o que você contou para ele?

PRIESTLEY

Para mostrar que eu fui o primeiro.

SENHORA PRIESTLEY

E Scheele?

PRIESTLEY

Confio nele.

SENHORA PRIESTLEY

Ele também pleiteia a prioridade.

PRIESTLEY

Mas ele nada publicou a respeito.

SENHORA PRIESTLEY

Mas não foi ele o primeiro?

PRIESTLEY

Talvez.

BIBLIOTECA-FFCLRP

SENHORA PRIESTLEY
Mas então você seria o segundo.

PRIESTLEY
E faria de Lavoisier o terceiro.

SENHORA PRIESTLEY
E é esse o aspecto mais importante? Que ele foi o último?

PRIESTLEY
Exatamente.

SENHORA PRIESTLEY
Por que?

PRIESTLEY
Deve o mundo curvar-se perante ele? *(Pausa.)* Quando eu fui o primeiro?

SENHORA PRIESTLEY
Se você fosse o rei Gustavo –

PRIESTLEY
Deus me livre!

SENHORA PRIESTLEY
(Insiste.) Mesmo assim... se você fosse o rei... quem você escolheria?

PRIESTLEY
Prefiro perguntar-me... quem o mundo escolheria?

SENHORA PRIESTLEY
Joseph! Responda-me... como meu marido... não como teólogo hábil.

PRIESTLEY
Você sempre queria respostas preto no branco.

SENHORA PRIESTLEY
Esse problema merece uma resposta preto no branco.

PRIESTLEY
Merecer alguma coisa nem sempre significa recebê-la.

SENHORA PRIESTLEY
Você não está num púlpito.

PRIESTLEY
(Cansado.) Eu publiquei primeiro... o que aos olhos do mundo torna-me o primeiro!

SENHORA PRIESTLEY
Refiro-me ao coração... não aos olhos.

PRIESTLEY
O mundo não tem coração.

SENHORA PRIESTLEY
Mas você tem... você freqüentemente o abriu para mim.

PRIESTLEY
Você é uma mulher esperta, Mary.

SENHORA PRIESTLEY
Não... é sua mulher quem pergunta, sua mulher que o ama.

PRIESTLEY
Antes de irmos a Estocolmo eu estava convencido... convencido de corpo e alma... de que eu fui o primeiro.
(Pausa.) Mas agora?

SENHORA PRIESTLEY
Entendo, Joseph.

BIBLIOTECA-FFCLRP

CENA 16C

(Tarde, 1777, depois do "Julgamento de Estocolmo". A SENHORA POHL e SCHEELE falam em voz baixa. A cena transcorre no escuro, com exceção de uma vela na mão da SENHORA POHL.)



SCHEELE
Iremos para casa de mãos abanando, Sara Margaretha.
Nós discutimos...

SENHORA POHL
Homens!

SCHEELE
O rei nos dispensou. Ele não poderia magoar um francês
ou um inglês; eles têm força na Corte.

SENHORA POHL
E Bergman?

SCHEELE
Ele deveria ter lembrado Lavoisier da minha carta! Em
público!

SENHORA POHL
(Com amargura.) Tudo isso em nome da amizade. Mas...
penso que o rei foi tolo.

SCHEELE
Você não deve dizer isto.

SENHORA POHL
Outros dizem... até na Corte. Mas para agradar a você
darei que ele é "pouco sábio".

SCHEELE
Em que sentido?

SENHORA POHL
Pensando que três filósofos da natureza poderiam ter
chegado a um acordo!

SCHEELE
Acontece... às vezes.

SENHORA POHL
Quando se trata de uma questão de prioridade?

SCHEELE
Perdemos a nossa oportunidade.

SENHORA POHL
Então permanecerá um mistério?

SCHEELE
Oh, não... o mundo gosta das coisas simples.

SENHORA POHL
Carl Wilhelm... quem falará por você?

SCHEELE
Os fatos falarão.

SENHORA POHL
Mas quando?

FIM DA CENA 16

CENA 17

(Estocolmo, 2001. Academia Real de Ciências, alguns minutos depois da última cena envolvendo a Comissão. Um intervalo na reunião. ASTRID ROSENQVIST, sentada, confere anotações. Entra HJALMARSSON.)



BENGT HJALMARSSON
Gostei da saia, Astrid.

ASTRID ROSENQVIST
Imaginei que você iria gostar.

BENGT HJALMARSSON
Você continua sendo uma mulher que chama a atenção, Astrid...

ASTRID ROSENQVIST
Foi exatamente o que você disse quando nos encontramos pela primeira vez...

BENGT HJALMARSSON
A química funcionou... naquela época.

ASTRID ROSENQVIST
Naquela época... estávamos acesos, Bengt.

BENGT HJALMARSSON
E desprendíamos alguma coisa...

ASTRID ROSENQVIST
...como o flogístico de Priestley e de Scheele?

BENGT HJALMARSSON
Mais ou menos. Mas...

ASTRID ROSENQVIST
"Mas"? Uma palavra perigosa para apaixonados.

BENGT HJALMARSSON
"Ex", Astrid. Ex-apassionados.

ASTRID ROSENQVIST
Estávamos enganados... todo o objetivo era o desprendimento.

BENGT HJALMARSSON
Como no caso de Priestley e Scheele...

ASTRID ROSENQVIST
Quando apaixonados ardem, também há ganho de algo...

BENGT HJALMARSSON
Era o que Lavoisier dizia. Mas o que **nós** ganhamos?

ASTRID ROSENQVIST
Eu diria que ganhamos conhecimento...

BENGT HJALMARSSON
Verdadeiramente bíblico!

ASTRID ROSENQVIST
Eu quis dizer que conhecemos mais um ao outro. Nenhuma pessoa traiçoeira poderia **nos** separar. Mas um homem ambicioso sempre tem problemas...

BENGT HJALMARSSON
Com uma mulher ambiciosa.

ASTRID ROSENQVIST
Que há de novo nisso? Nós éramos espertos. Tão espertos. Até mesmo queríamos realizar alguma coisa "em benefício da humanidade".

BENGT HJALMARSSON
E queríamos que o mundo o soubesse.

ASTRID ROSENQVIST
De qualquer forma, pensei que a atribuição do Prêmio Nobel retroativo para os mortos seria algo... mais limpo.

BENGT HJALMARSSON
Você estava enganada.

ASTRID ROSENQVIST
Pelo menos, o Prêmio Nobel retroativo colocou-nos na mesma sala...

BENGT HJALMARSSON
E você na presidência... você poderia ter pedido a alguém para substituí-la.

ASTRID ROSENQVIST
Você também poderia ter recusado. Por que não o fez?

BENGT HJALMARSSON

Pelo mesmo motivo pelo qual você não procurou por um substituto.

ASTRID ROSENQVIST

Nesse caso... por que você sempre é tão espinhento em nossas reuniões?

BENGT HJALMARSSON

E você tão autoritária?

ASTRID ROSENQVIST

Nós deveríamos aprender a sermos mais conciliadores...

BENGT HJALMARSSON

Algo que nenhum de nós sabe ser. *(Prepara-se para sair, e quando passa por ela dirige-lhe um gesto paternal, não erótico – talvez beijando-a nos cabelos, e em seguida sai de cena.)*

(ASTRID ROSENQVIST caminha lentamente pela sala, balançando a cabeça. ULF SVANHOLM entra e senta-se. Entra KALLSTENIUS. SVANHOLM levanta-se para sair da sala. KALLSTENIUS senta-se e o chama de volta.)

SUNE KALLSTENIUS

Muito bom o artigo que você acabou de publicar.

ULF SVANHOLM

(Desconfiado.) Muito bom?

SUNE KALLSTENIUS

Tudo bem... **ótimo** artigo.

ULF SVANHOLM

Por que o elogio?

SUNE KALLSTENIUS

Não pretendia ser um elogio... mas uma observação factual.

ULF SVANHOLM

(Sorridente.) Você acha mesmo? *(Breve pausa.)* Mas por que o diz justamente agora?

SUNE KALLSTENIUS

Astrid tinha razão... “depor armas”.

ULF SVANHOLM

Hum.

SUNE KALLSTENIUS

Ulf, você está exagerando na mágoa que carrega.

ULF SVANHOLM

Eu?

SUNE KALLSTENIUS

Está bem... está bem. **Nós.** Você sempre me acusou de retardar a publicação de seu artigo. Eu apenas estava cumprindo minha função.

ULF SVANHOLM

Você nada mais fez do que se preocupar com detalhes! Não foi suficiente para você saber que eu descobri um novo catalisador para uma reação que ninguém antes conseguia fazer funcionar!

SUNE KALLSTENIUS

Eu apenas queria que seu trabalho fosse ainda melhor.

ULF SVANHOLM

(Sarcástico.) Muito altruista de sua parte!

SUNE KALLSTENIUS

Eu queria que você entendesse o mecanismo de ação do catalisador. No nível atômico.

ULF SVANHOLM

E enquanto eu me preocupava com esses detalhes, você permitiu que seus colegas de Stanford nos passassem a perna.

SUNE KALLSTENIUS

Eu nada sabia sobre as pesquisas do pessoal de Stanford. *(Em tom conciliador.)* Ulf, eu nem falei com eles. Você não pode continuar me culpando. *(Pausa.)* Mas é possível...

ULF SVANHOLM

Sim?

SUNE KALLSTENIUS

É possível que eu não tenha percebido a importância desse catalisador.

ULF SVANHOLM

Eu também poderia confessar alguma coisa.

SUNE KALLSTENIUS

Uma confissão não é necessária.

ULF SVANHOLM

Conversei a respeito com Bengt.

SUNE KALLSTENIUS

E daí?

ULF SVANHOLM

Ele tomou seu partido... achou que você estava sendo honesto demais.

BIBLIOTECA-FFCLRP

SUNE KALLSTENIUS

(Lisonjeado.) E o que você me diz disso?

ULF SVANHOLM

Que todos os cientistas usam máscaras.

SUNE KALLSTENIUS

(Consentindo.) Nesse caso, só para mudar, por que você não tira a sua... agora?

ULF SVANHOLM

É pedir demais, cedo demais.

SUNE KALLSTENIUS

Está certo, tudo bem, que tal fazermos as pazes? *(Estende a mão.)*

(Entra ASTRID ROSENQVIST e se surpreende vendo os dois num aperto de mão.)

ASTRID ROSENQVIST

Não pensei que eu viveria o suficiente para ver este dia –

(Os dois, embaraçados, largam as mãos.)

SUNE KALLSTENIUS

Ele tornou-se sensato!

ULF SVANHOLM

E ele, para variar, gostou de uma de minhas pesquisas.

ASTRID ROSENQVIST

Se vocês dois realmente se entenderam... não é necessário que eu saiba por quê. Mas eu quero pedir um favor, aos dois: concordem com um dos candidatos.

SUNE KALLSTENIUS

Você não está querendo por acaso influenciar a Comissão... está?

ASTRID ROSENQVIST

Eu... uma inocente química teórica?

SUNE KALLSTENIUS

Sim... você! Você está querendo nos impor um consenso, quando deveríamos estar fazendo uma escolha bem fundamentada: um vencedor somente. O Prêmio Nobel de Literatura raramente é compartilhado!

ASTRID ROSENQVIST

Mas vejam a prepotência! É como comparar melancias com *(Procura pela palavra certa, finalmente a encontra.)* ...mangas!

ULF SVANHOLM

Suponho que a manga se refere à Literatura! Ela certamente tem melhor sabor.

SUNE KALLSTENIUS

(Enfurecido.) Eu estou realmente falando sério!

ULF SVANHOLM

Também estou. Os literatos não discutem prioridades... e se houvesse um Prêmio Nobel de Literatura retroativo ele seria concedido a Shakespeare ou a Dante ou a Cervantes... ou seja lá a quem for... mas ele não seria concedido aos três juntos. Se Shakespeare não tivesse vivido, não teria sido escrito o *Rei Lear*. Sem Dante, não haveria a *Divina Comédia*. Sem Cervantes –

SUNE KALLSTENIUS

Aonde você quer chegar?

ULF SVANHOLM

É simples! Pense no oxigênio. Se Scheele, ou Priestley, ou Lavoisier não tivessem vivido, outra pessoa teria descoberto o oxigênio. O mesmo vale para Newton e a gravidade, para Mendel e a genética –

SUNE KALLSTENIUS

Então por que afinal conferir um Prêmio Nobel, de acordo com sua argumentação de melancia? Se as coisas acabam acontecendo de qualquer forma, por que preocupar-se em saber quem foi o primeiro?

ULF SVANHOLM

Porque a Ciência é feita por cientistas... não por máquinas... e cientistas necessitam de reconhecimento.

SUNE KALLSTENIUS

Mas ainda não chegamos a um acordo sobre o significado de “ter sido o primeiro”: é a primeira descoberta... ou a primeira publicação... ou o pleno entendimento da descoberta?

(BENGT HJALMARSSON e ULLA ZORN entram durante essa troca de idéias. Ao entrarem, ASTRID os vê juntos, e senta-se com ar de desânimo, e com certa irritação.)

BENGT HJALMARSSON

(Irônico.) Uma questão realmente profunda. *(Pausa.)* Vejamos, para onde mesmo Colombo pensou que estava velejando?

ULF SVANHOLM

(Irritado com Hjalmarsson.) O que importa isso? Nossos vikings chegaram lá antes...

ULLA ZORN

E encontraram povos que chegaram lá milhares de anos antes deles.

FIM DA CENA 17

BIBLIOTECA-FFCLRP

CENA 18

(Ecuridão fúnebre, com exceção da luz sobre MADAME LAVOISIER na parte anterior esquerda do palco, com uma pena na mão, prestes a escrever uma carta, e sobre LAVOISIER, na parte posterior direita do palco. Cada qual em aparente solilóquio.)



LAVOISIER

Minha querida esposa... na solidão de uma cela... eu não apenas reflito sobre a minha repentina desgraça, mas sobre a vida que tivemos juntos.

MADAME LAVOISIER

Meu querido esposo... tal como meu pai, você soube reconhecer o talento de uma jovem... e não o descartou. Não se aborrecia quando eu tocava o cravo para você na casa de meu pai...

LAVOISIER

Você não se aborrecia quando eu falava sobre Química... ou sobre Geologia... ou Astronomia...

MADAME LAVOISIER

Lembra-se quando jogávamos o "Jogo da Roda da Fortuna"?... Eu me perguntava onde a seta iria parar. Em que palavra? "Sabedoria"?... "Convento"?... "Casamento"?

LAVOISIER

Quando jogávamos o "Jogo da Roda da Fortuna", eu es-

condia de você um ímã... com cuja força magnética eu manipulava a seta para *(Pausa.)* ...amor". Uma palavra que eu nunca usara antes. E depois casei-me com você...

MADAME LAVOISIER

E eu tornei-me sua confiável companheira... mas não ouvi você falar novamente em "amor".

LAVOISIER

Eu não tinha tempo para o lazer... e também não para filhos. Pensei que você entenderia...

MADAME LAVOISIER

(Suavemente.) A Ciência e o serviço público eram sua ocupação. *(Pausa.)* Mesmo assim...

LAVOISIER

Sempre pensei que você estivesse satisfeita. E contudo... para você havia outros homens.

MADAME LAVOISIER

Amor era o que me faltava.

LAVOISIER.

Eu lhe ofereci mais. Verdadeiro companheirismo. *(Pausa.)* Nenhum outro homem faria a mesma coisa...

MADAME LAVOISIER

Pierre Du Pont ofereceu-me amor... durante dezessete anos. Não importa... *(Pausa.)* Não ousei explicar-lhe o que fiz. Agora, antes que seja tarde demais, eu preciso escrever a respeito.

LAVOISIER

Agora, na prisão, eu entendo o que eu negligenciei na minha cuidadosa avaliação das coisas. A ambição sem amor é fria.

MADAME LAVOISIER

Nunca amei outro homem.

APAGAM-SE AS LUZES

FIM DA CENA 18

CENA 19

(Estocolmo, 2001. Real Academia de Ciências, duas semanas depois da cena anterior. ULLA ZORN está ocupada com algum equipamento de projeção, preparando uma apresentação multimídia, o que ninguém dos demais observa. ASTRID olha em torno da mesa e conta com a atenção dos demais.)



ASTRID ROSENQVIST

Vocês sabem, há uma solução simples para o nosso problema: atribuir este primeiro Prêmio Nobel retroativo de Química conjuntamente a todos os três. E atribuir a premiação à Revolução Química e não à descoberta do oxigênio.

(Faz-se silêncio em torno da mesa, enquanto todos avaliam a proposta.)

BENGT HJALMARSSON

(Disperso.) Ficamos em cima do muro.

ULF SVANHOLM

Incluindo Lavoisier? Que deixou de citar nominalmente as contribuições comunicadas explicitamente a ele por Priestley e confirmadas pela carta de Scheele?

BIBLIOTECA-FFCLRF

ULLA ZORN

(Virando-se para eles, do projetor.) Carta que Lavoisier nunca viu.

SUNE KALLSTENIUS

O que foi que você disse?

ULF SVANHOLM

Como você pode ter tanta certeza?

ULLA ZORN

Fiquei intrigada. Assim empreendi um rápido vôo à América. À biblioteca da Universidade Cornell.

BENGT HJALMARSSON

Você perdeu seu tempo. Conheço tudo a respeito da coleção de documentos sobre Lavoisier da Universidade Cornell. Você também poderia ter economizado seu dinheiro.

ASTRID ROSENQVIST

As despesas foram custeadas por uma de minhas bolsas de pesquisa.

BENGT HJALMARSSON

Você sempre foi mão aberta com dinheiro. *(Para ULLA.)* E o que você descobriu lá?

ULLA ZORN

Um livro.

BENGT HJALMARSSON

(Sarcástico.) Um livro... numa biblioteca? Surpreendente!

ULLA ZORN

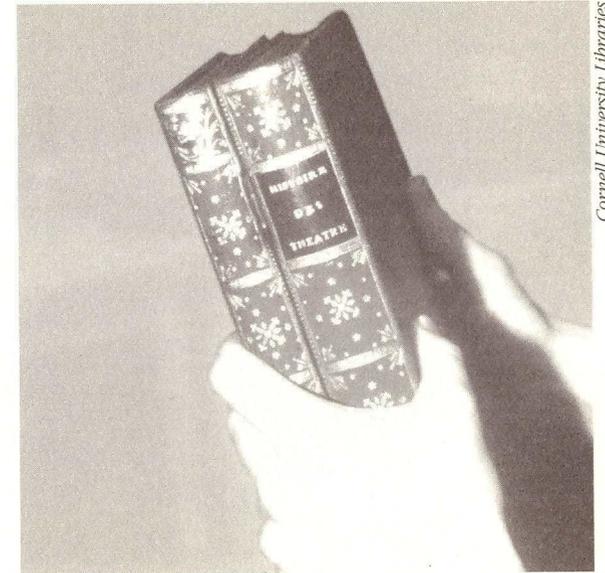
O livro chamava-se "*Histoire du Théâtre*".

*SUNE KALLSTENIUS

E no que nos poderia ajudar um livro na nossa questão? Um livro sobre teatro.

ULLA ZORN

Gostaria de mostrar-lhes alguns *slides*. *(Pressiona um par de teclas em seu laptop.)* O objeto que encontrei lá só se **parece** com um livro.



Cornell University Libraries

(Aparece na tela um slide, a primeira figura da "nécessaire", fechada, nas mãos de uma mulher, provocando consternação geral entre os membros da Comissão, exceto em ASTRID, que está sorridente.)

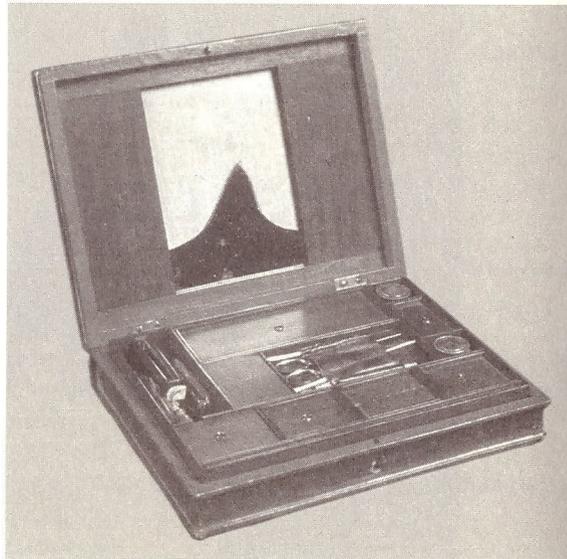
É a *nécessaire* de Madame Lavoisier... uma bolsa de viagem, disfarçada como livro. Segundo estou informada, nenhum historiador a mencionou até agora. Mas eu a vi no catálogo do leilão "Souvenirs de Lavoisier", realizado em 1956 em Paris. E descobri depois que a Universidade Cornell a adquiriu em 1963. *(Pausa.)* Decidi então dar uma olhada –

ULF SVANHOLM

Intuição?

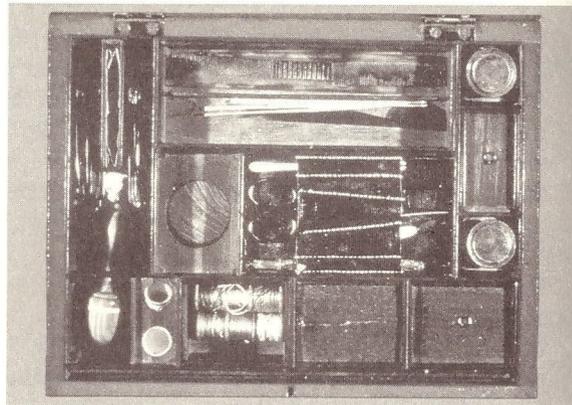
ULLA ZORN

(Áspera.) Por que não falar em mãos à obra da parte de uma pesquisadora em História? *(Todos continuam a observar os slides.)* Aqui está aberta.



Cornell University Libraries

Observem todos os seus compartimentos, (*Identifica os vários itens com caneta-laser.*) ...com fios e agulhas, pentes, penas de escrever, vidrinhos para perfumes e para tinta... e mesmo uma régua, abrigada numa fenda, como um canivete suíço.



Cornell University Libraries

ULF SVANHOLM
Com mil demônios!

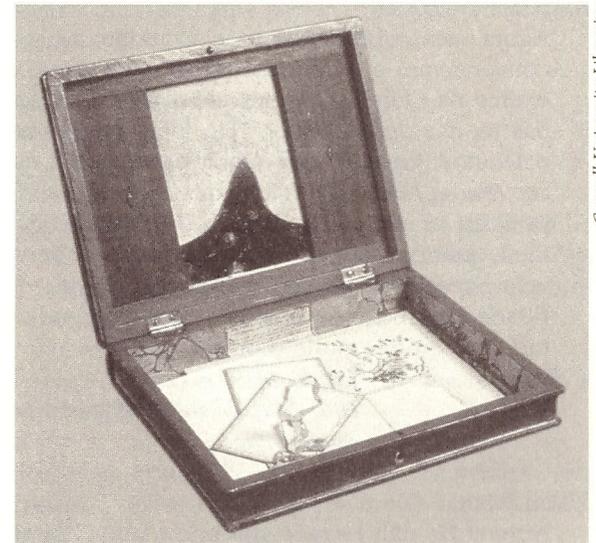
ULLA ZORN

(*Animada e alegre.*) Se você remover a caixa interna,



Cornell University Libraries

aparece um lugarzinho para papel de carta. Examinei as marcas d'água. O papel é de uma época posterior a Madame Lavoisier... seus herdeiros devem ter usado a *nécessaire*. Fiquei intrigada com o espelho quebrado na tampa da maleta...



Cornell University Libraries

atrás do espelho havia um espaço vazio. Examinei o espaço com cuidado. Encontrei um papel. **Este aqui...**
(*Agita o papel no ar.*)

SUNE KALLSTENIUS

O que é?

ULLA ZORN

Uma carta... esta é uma fotocópia, é claro... uma carta aparentemente nunca enviada. (*Pausa.*) De Madame Lavoisier... para seu marido.

BENGT HJALMARSSON

(*Com impaciência.*) O que ela diz?

ULLA ZORN

Ela escreve... (*Neste ponto, as luzes diminuem sobre a Comissão perplexa, exceto ULLA ZORN; luz sobre MADAME LAVOISIER, na parte posterior do palco.*)

MADAME LAVOISIER

Meu amado esposo! Nestes tempos difíceis, nessa nossa separação que a Revolução nos impôs, fico pensando nos tempos passados. Sempre retornam meus pensamentos àquela carta do farmacêutico Scheele, de 1774...

ULLA ZORN

Ao que parece ela interceptou a famosa carta de Scheele... lembrem-se de que ela cuidava de boa parte da correspondência de Lavoisier.

MADAME LAVOISIER

Agora que o brilhantismo e exatidão de seus estudos convenceram o mundo do papel central que o oxigênio exerce na Química, agora que o flogístico jaz na poeira das teorias descartadas... Não falarei de teimosos como o Doutor Priestley, que ainda canta loas a esse flogístico. (*Pausa.*) Peço-lhe agora que me perdoe. Eu não lhe poderia ter mostrado a carta do farmacêutico Scheele, meu querido esposo. Ela teria tirado o vento de suas velas, a você... que estava tão próximo de... Nossa prioridade dependia de manter a carta escondida. Perdoe-me, mas eu não pude destruí-la.

(*Iluminação sobre MADAME LAVOISIER vai diminuindo.*)

ULLA ZORN

Notem! Ela não escreve **sua** prioridade.... mas **nossa**. Ela

arquivou a carta, sem mostrá-la a seu marido. Ou melhor, ela a escondeu, o que poderia ser um dos motivos porque veio à tona somente mais de cem anos depois, quando Grimaux a encontrou.

BENGT HJALMARSSON

E você esperou até agora para contá-lo a nós?

ASTRID ROSENQVIST

Ela me contou –

BENGT HJALMARSSON

(*Com raiva.*) E por que não para mim? ...E para os outros membros da Comissão?

ASTRID ROSENQVIST

Pensei que Ulla estava qualificada para contar ela própria a sua descoberta. Se houver alguma culpa... culpem a mim.

BENGT HJALMARSSON

A pergunta não foi endereçada a você. (*Encara ULLA ZORN.*) Por que? Para mostrar como você é esperta? (*Mais calmo.*) Eu lhe teria dito isso, se você tivesse tido a gentileza de me informar primeiro... Eu estava encarregado de Lavoisier.

ULLA ZORN

Minha intenção foi ajudar...

BENGT HJALMARSSON

(*Em tom mais amistoso.*) Mas por que a carta dela estava na *nécessaire*? Por que ela nunca foi remetida?

ULLA ZORN

Perguntei-me a mesma coisa.

BENGT HJALMARSSON

E?

ULLA ZORN

Não lhes contei ainda a data da carta de Madame Lavoisier. Ela foi escrita pouco antes do Natal de 1793, quando Lavoisier já estava na prisão, poucos meses antes de sua execução.

BENGT HJALMARSSON

(*Gentilmente.*) Dezenove anos depois de ter recebido a carta de Scheele.

ULLA ZORN

Na época mais crítica, com o marido na prisão... ela lhe escreveu... sobre o que fizera muito tempo antes. Mas quando ela resolveu escrever, já não era seguro en-

viar a carta. (ULLA ZORN *volta a sentar-se. A Comissão está pensativa.*)

BENGT HJALMARSSON

Uma carta que ela não podia enviar... outra carta que ela não podia queimar.

FIM DA CENA 19

BIBLIOTECA-FFCLRP

CENA 20

(Estocolmo. Sala da Comissão. Uma semana mais tarde. BENGT levanta-se afastando-se da mesa e dirigindo-se para ULLA ZORN. Ela levanta os olhos para BENGT, que está olhando para ela.)



BENGT HJALMARSSON

(*Em voz baixa.*) Devo-lhe desculpas em relação à carta de Madame Lavoisier. Eu fui um tanto rude...

ULLA ZORN

(*Contente.*) Eu usaria outra palavra, mas de qualquer forma... (*Pausa.*) obrigada...

BENGT HJALMARSSON

Posso fazer-lhe um elogio?

ULLA ZORN

(*Em tom de humor.*) Você acha que vou suportar um elogio?

BENGT HJALMARSSON

(*Em tom sério.*) Eu gostaria de ter encontrado aquela bolsa de viagem...

ULLA ZORN

(*Contente.*) É de fato um elogio!

BENGT HJALMARSSON

Ulla... (*Vacila. Fala em voz mais baixa.*) Posso convidá-la –

ASTRID ROSENQVIST

(*Áspera.*) Bengt! Primeiro as coisas importantes! O senhor poderia fazer o favor de juntar-se a nós?

BENGT HJALMARSSON

(*Com um toque de ironia.*) “Importante” do ponto de vista da presidência, ou do meu?

(ROSENQVIST *espera até* HJALMARSSON *sentar-se.*)

ASTRID ROSENQVIST

Senhores, eu gostaria de encerrar os trabalhos hoje. Está na hora de uma moção formal. (*Olha em volta.*) Bengt ... você quer começar?

BENGT HJALMARSSON

(*Com formalidade exagerada.*) Proponho que a Academia Real de Ciências da Suécia escolha Antoine Laurent Lavoisier, o arquiteto da Revolução Química, para o primeiro Prêmio Nobel retroativo de Química. (*Retoma o tom normal de voz.*) Espero que isto seja suficientemente formal.

SUNE KALLSTENIUS

Minha proposta é menos formal, mas direta: proponho Carl Wilhelm Scheele como primeiro descobridor do oxigênio. (*Pausa.*) Também um homem modesto, que não se preocupava com publicidade ou com autopromoção, embora tenha no currículo a descoberta de pelo menos cinco elementos... incluindo o cloro e o manganês.

ULF SVANHOLM

Se Sune quer incluir na discussão outras descobertas, que tal então falar das descobertas de Priestley, como o gás hilariante, o monóxido de carbono, e o nitrogênio? Ou a água carbonatada, ou a borracha de apagar? Alfred Nobel teria vibrado com o senso prático de Priestley.

ASTRID ROSENQVIST

Sua indicação, por favor!

ULF SVANHOLM

O que significam alguns meses para competidores bem intencionados? Estamos claramente diante de descobertas simultâneas: proponho Scheele e Priestley. Fim de conversa! Lavoisier? Ele pode merecer o prêmio – mas não pela descoberta do oxigênio.

BENGT HJALMARSSON

Escolhi Lavoisier como pai da Revolução Química... que claramente tem seu início no oxigênio. As falhas morais de Lavoisier são visíveis, claro... mas ele provocou transformações verdadeiras.

ULF SVANHOLM

Ignorar falhas éticas?

BENGT HJALMARSSON

Aconteceu mais de uma vez com nossos Prêmios Nobel regulares. (*Gracejando.*) Somente minha delicadeza inata impede-me de citar alguns exemplos.

ASTRID ROSENQVIST

(*Rindo.*) Delicadeza, Bengt, não é algo que pode ser incluído na lista de suas virtudes!

BENGT HJALMARSSON

Nesse caso, permitam-me uma ingenuidade: comportamento ético ou anti-ético simplesmente não podem ser medidos com a mesma escala com que se mede boa ou má Ciência!

ULF SVANHOLM

Mas que precedente para o primeiro Prêmio Nobel retroativo!

ASTRID ROSENQVIST

Por favor! Estamos discutindo os argumentos a favor ou contra essas indicações. Precisamos tomar agora uma decisão. Podemos imaginar sete combinações dos três nomes: cada um sozinho... três duplas... e todos os três juntos. (*Para Bengt.*) Admito estar supondo que Lavoisier nunca viu a carta de Scheele.

ULF SVANHOLM

E isso altera os fatos? Todos nós sabemos que Lavoisier não foi o primeiro a descobrir o oxigênio!

ASTRID ROSENQVIST

Continua sendo necessário você entender o que está descobrindo. Você se deu conta de que ainda em 1800 o seu Priestley escreveu um livro intitulado *A Doutrina do Flogístico Reestabelecida e a Refutação da Natureza Composta da Água?* (*Pausa.*) Em outras palavras, “abaixo com H₂O” mas “continuemos com o velho abracadabra”.

ULF SVANHOLM

Você está sendo muito dura com o meu químico experimental.

ASTRID ROSENQVIST

O mundo precisa de físico-químicos, como Lavoisier... ou, ainda melhor, de químicos teóricos.

ULF SVANHOLM

Como você?

ASTRID ROSENQVIST

As mulheres poderiam ter se saído pior... mas todos conhecemos o papel das mulheres na Química daquele tempo. Madame Lavoisier chegou tão perto do objetivo quanto era possível. Bem, vamos às decisões. *(Tamborilando na mesa com a caneta.)* Somos quatro pessoas na Comissão... e quatro propostas: apenas Lavoisier... apenas Scheele... Scheele com Priestley... e finalmente os três juntos. Suponho que cada um de vocês ainda queira votar de acordo com sua proposta original? *(Todos fazem um sinal afirmativo.)* Mesmo que eu mude meu voto e apoie uma das propostas de vocês? *(Os homens sacodem a cabeça.)* Desse jeito não iremos longe. *(Pausa.)* Eis uma sugestão para resolver nosso problema: todos votamos em dois candidatos.

ULF SVANHOLM

Três opções apenas? Lavoisier-Scheele, Lavoisier-Priestley e Priestley-Scheele?

SUNE KALLSTENIUS

(Com desdém.) Brilhante! Mas por que perdemos tempo exercitando o voto em dois candidatos?

ASTRID ROSENQVIST

É simples. Fará com que cada um de nós pense num segundo candidato... enquanto defende o candidato de sua primeira escolha.

BENGT HJALMARSSON

E se não houver uma segunda escolha?

ASTRID ROSENQVIST

(Asperamente.) Você... mais do qualquer outro nesta sala... deveria saber que na vida quase sempre agimos de acordo com nossa segunda escolha.

BENGT HJALMARSSON

(Imita jocosamente o tom de voz de Astrid.) Você... mais do que qualquer outra pessoa nesta sala... deveria saber que não é possível forçar-me a tomar uma decisão.

ASTRID ROSENQVIST

(Ainda em tom zombeteiro.) O que não vai me impedir de

tentar persuadir... a todos vocês ... para chegarmos a um consenso. *(Olha em torno.)* Posso contar com a sua concordância?

(KALLSTENIUS e SVANHOLM olham para ROSENQVIST; um dá de ombros, o outro faz sinal de consentimento.)

ASTRID ROSENQVIST

Bengt? *(HJALMARSSON olha para ela mas nada diz, enquanto ROSENQVIST se levanta e se dirige para ele. Continua em voz baixa.)* Nós dois sabemos da importância de Lavoisier.

BENGT HJALMARSSON

E daí?

ASTRID ROSENQVIST

Diminuiremos realmente a importância da obra de Lavoisier, se juntarmos um segundo nome ao dele? Há pouco você falou que nenhum de nós gosta de fazer concessões. Que tal demonstrar que você estava errado?

(HJALMARSSON dá de ombros, acena concordando com relutância e olha para longe. SVANHOLM aproxima-se de KALLSTENIUS.)

ULF SVANHOLM

(Sussurrando.) Você ouviu o que ela disse?

SUNE KALLSTENIUS

Claro que ouvi!

ULF SVANHOLM

Fora de cogitação! Se votarmos em Lavoisier, então somente Scheele ou Priestley poderão repartir o prêmio com ele.

SUNE KALLSTENIUS

Eu poderia concordar com isso... se Scheele for o outro.

ULF SVANHOLM

E se ele não o for? E se eu votar em Lavoisier e Priestley, e os outros também?

SUNE KALLSTENIUS

Eu protestaria.

ULF SVANHOLM

Antes ou depois de terem sido contados os votos? Isso seria de grande ajuda para você.

SUNE KALLSTENIUS

Então o que você propõe?

ULF SVANHOLM

Votemos ambos no seu candidato... e no meu Priestley.

SUNE KALLSTENIUS

Preciso pensar no caso.

ULF SVANHOLM

É melhor você pensar logo...

ASTRID ROSENQVIST

(Para ULLA ZORN.) Ulla... você poderia distribuir as cédulas?

(Depois de distribuir as cédulas a KALLESTENIUS e SVANHOLM, ZORN dirige-se a HJALMARSSON, mas ROSENQVIST barra-a. Ela toma a cédula e a entrega pessoalmente a HJALMARSSON.)

(Em tom muito gentil.) Por favor, Bengt... por favor. Dois nomes. Faça esse favor a Madame Lavoisier.

(HJALMARSSON olha para ela, toma o papel, mas fica paralisado.)

(Silenciosamente aparece a silhueta de MADAME LAVOISIER, aproximando-se de HJALMARSSON até praticamente tocá-lo.)

(HJALMARSSON começa a rabiscar na cédula, como o fazem os outros. ULLA recolhe os votos; ASTRID agarra-os, conta-os rapidamente e calmamente balança a cabeça em sinal de aprovação.)

SUNE KALLSTENIUS

Então, qual foi o resultado da votação?

ULF SVANHOLM

Vamos lá, Astrid, fale. Aqui não é a Flórida durante a disputa entre Bush e Gore...

(HJALMARSSON caminha em direção a ROSENQVIST e sem pedir permissão toma-lhe os votos da mão. Ele os observa rapidamente e os deixa cair na frente dela.)

BENGT HJALMARSSON

(Balança a cabeça, mais ou menos satisfeito.) Poderia ter sido pior.

DIMINUI A ILUMINAÇÃO

MADAME LAVOISIER

(Em tom de profunda e madura reflexão.) Nada se cria, nada se perde. *(Pausa.)* E no entanto, nada é simples. Certamente não é simples um mundo que guilhotina meu pai *(Sua voz fraqueja.)* e meu marido no mesmo dia. *(Pausa.)* Nem mesmo a chama de uma vela ou a respiração de um camundongo. *(Sua voz volta a ter força.)* Meu marido entendia dessas coisas... a posteridade reconhecerá as suas realizações! *(Pausa.)* É claro... alguns perguntarão: e para que serve esse reconhecimento? *(Sorri para si mesma.)* O nosso oxigênio será de muita utilidade... certamente os reis cobrarão impostos por seu uso. *(Pausa, tornando-se séria então.)* E depois da morte? Outros sábios continuarão do ponto em que o modesto farmacêutico... e o químico teólogo... e meu marido pararam. *(Pausa.)* Imaginem o que significa saber de onde vem a cor de uma folha! E saber porque ele fica avermelhada no outono. O que combate uma febre, o que faz a chama arder! *(Pausa.)* Imaginem!

FIM DA CENA 20

FIM DA PEÇA

REPRESENTAÇÕES E LEITURAS

1999

6 de outubro: Departamento de Artes Teatrais do Ithaca College, Ithaca, Nova York, EUA – leitura dirigida por Lee Byron.

6 de dezembro: Playbrokers, San Francisco, Califórnia, EUA – leitura de palco ensaiada, dirigida por Ed Hastings no ODC Theater.

2000

6 de fevereiro: Tricycle Theatre, Londres, Inglaterra – leitura de palco ensaiada, dirigida por Erica Whytman.

3 a 14 de maio: Eureka Theatre, San Francisco, Califórnia, EUA – representação dirigida por Andrea Gordon.

7 de julho: Londres, Inglaterra – leitura para versões radiofônicas da BBC e WDR.

1 de agosto: Directors Company, Nova York, EUA – leitura ensaiada, dirigida por Michael Parva.

7 de agosto: Bowood House, Calne, Wiltshire, Reino Unido – leitura ensaiada de trechos para a Sociedade Real de Química.

25 de setembro: Palácio Imperial de Viena, Áustria – leitura de palco ensaiada (em inglês) Congresso Internacional IMECO 2000, dirigida por Isabella Gregor.

9 de novembro: Chemical Heritage Foundation, Philadelphia, Pennsylvania, EUA – representação de trechos na reunião conjunta com a Sociedade Filosófica Americana, pelo American Historical Theatre, dirigida por Pamela Sommerfield.

2001

12 de janeiro: Key West Literary Seminar, Key West, Flórida, EUA – leitura literária de palco pelo Key West Theatre, dirigida por Joan McGillis.

2 a 8 de abril: San Diego Repertory Theatre, San Diego, Califórnia, EUA – 8 representações dirigidas por Bryan Bevell.

16 de setembro: Hörsaalruine der Charité, Berlim, Alemanha – leitura de palco ensaiada, dirigida por Isabella Gregor.

23 a 29 de setembro: Kammerspiele des Mainfranken Theaters Würzburg, Würzburg, Alemanha – *première* em língua alemã dirigida por Isabella Gregor, seguida de temporada regular de outubro a dezembro.

16 de outubro: New York Academy of Sciences, Nova York, EUA – leitura de palco ensaiada pela Directors Company, dirigida por Emily Prince-Lynch.

27 a 29 de outubro: Royal Institution, Londres, Inglaterra – representações especiais dirigidas por Andy Jordan.

1 a 2 de novembro: Miami University, Middletown, Ohio, EUA – leitura ensaiada da versão da BBC pelo Departamento de Drama.

8 a 10 de novembro: Fletcher Opera Theatre, BTi Center for Performing Arts, Raleigh, Carolina do Norte, EUA – três representações a convite pelo San Diego Repertory Theatre, dirigidas por Bryan Bevell.

14 de novembro a 1 de dezembro: Riverside Studio Theatre, Crisp Road (Hammersmith), Londres, Inglaterra – representações em temporada regular, dirigidas por Andy Jordan.

23 a 25 de novembro: Deutsches Museum Munich – representações a convite do Würzburg Theatre, dirigidas por Isabella Gregor.

2 de dezembro: transmissão internacional pela BBC da adaptação para rádio (“Play of the Week”), dirigida por Andy Jordan.

12 de dezembro: Westdeutscher Rundfunk (WDR Radio 3) – transmissão da adaptação para rádio em alemão, dirigida por Hein Bruehl.

2002

12 de janeiro a 21 de abril: Kammerspiele des Mainfranken Theaters Würzburg. Alemanha.

25 de janeiro: Trinity College, Hartford, Connecticut, EUA – leitura de palco ensaiada, co-patrocinada pelo Interdisciplinary Science Program, Departamento de Teatro e Dança, Cátedra Luce de Saúde e Direitos Humanos, Trinity Center for Collaborative Teaching and Learning e o Programa de Direitos Humanos.

24 de fevereiro: Leverkusen, Alemanha – representação a convite pelo Würzburg Theatre na “Erholungshaus-Bayer”, dirigida por Isabella Gregor.

BIBLIOTECA-FFCLRP

25 de abril: Kenyon College, Gambier, Ohio, EUA – leitura de palco ensaiada da versão da BBC, dirigida por Harlene Marley, durante a “Celebration of Science at Kenyon”, na Sala de Conferências Owen York Jr.

11 de maio: University of New Hampshire, Durham, New Hampshire, EUA – representação de palco no Departamento de Química.

20 de maio: City University of New York Graduate Center, Sala Elebash – leitura de palco ensaiada (Break-a-Leg Productions), dirigida por Teri Black, seguida de debate.

20 de junho: Halle – representação a convite durante a “350th Anniversary Celebration of Leopoldina” pelo grupo de Würzburg, dirigida por Isabella Gregor.

10 a 12 de agosto: Pohang, Coréia – *première* em língua coreana, dirigida por Bok-Kee Min, encenada pelo Theater/Mo/A durante o Festival de Ciência da Coréia.

27 a 29 de setembro: Michigan State University, East Lansing, Michigan, EUA – representação pelo Drama Department no Passant Theatre do Wharton Center for Performing Arts, dirigida por Mary Job.

2003

23 a 25 de janeiro: University of Toronto, Toronto, Canadá – *première* canadense, durante a comemoração do 35º aniversário do Institute for the History and Philosophy of Science and Technology, dirigida por James MacLachlan com os Stillman Drake History of Science Players, no Isabel Bader Theatre.

3 de fevereiro: Louisiana State University, Baton Rouge, Louisiana, EUA – leitura ensaiada sob a direção de Femi Euba.

13 a 16 de fevereiro: Piedmont Virginia Community College, Charlottesville, Virginia, EUA – representações no Maxwell Black Box Theatre, Dickinson Building, dirigidas por Kay Bethea.

26 de fevereiro a 8 de março: Ohio State University, Columbus, Ohio, EUA – representações pelo Drama Department no Thurber Theatre (Drake Performance and Events Center), dirigida por Bruce Hermann.

9 de março: Munique, Alemanha – representação para estudantes dirigida por Isabella Gregor no Deutsches Museum, sob os auspí-

cios do “NaT-Working-Natural Sciences and Technology: Networking School and Research Program, da Robert Bosch Stiftung.

17 e 18 de março: Tóquio, Japão – leitura de palco ensaiada (tradução de Kaku Nagashima, direção de Nobuhiro Nishikawa), no Tram Theatre da Setagaya Arts Foundation.

28 de março a 12 de abril: Madison, Wisconsin, EUA – representações no Teatro da Universidade de Wisconsin, dirigidas por Norma Saldivar.

3 a 20 de abril: Seul, Coréia – representação pelo Theater/Mo/A no Teatro de Artes da Fundação Coreana de Arte e Cultura.

26 de abril a 24 de maio: Wellington, Nova Zelândia – representações pelo Circa Theatre, dirigidas por Susan Wilson.

4 de maio: Seul, Coréia – transmissão nacional pela televisão (EBS network) da representação de abril.

14 de junho: Berlim, Alemanha – duas representações no “Langen Nacht der Wissenschaft” (Robert Koch Hörsaal, Instituto de Microbiologia e Higiene), pelo Maxim Gorki Theater, dirigidas por Ole Erdmann.

25 de julho: Bad Hersfelder Summer Festival – leitura de palco (por atores do Würzburg Theater dirigidos por Isabella Gregor) na Konrad-Duden-Schule.

11 e 12 de agosto: Ottawa, Canadá – representação pelos Stillman Drake History of Science Players, dirigidos por James MacLachlan no Alumni Theatre da Universidade Carleton, durante o 39º Congresso da União Internacional de Química Pura e Aplicada.

10 de outubro: Bolonha, Itália – *première* italiana (tradução de Daniela Majerna) na Aula Magna di Santa Lucia, dirigida por Arnaldo Picchi.

2004

22 de fevereiro: Sofia, Bulgária – *première* búlgara no Satire Theatre.

Outubro: Toulouse, França – *première* francesa.

SOBRE OS AUTORES

CARL DJERASSI nasceu em Viena e estudou nos Estados Unidos, é escritor e professor de Química da Universidade de Stanford. Autor de mais de 1.200 artigos científicos e de sete monografias, é um dos poucos cientistas norte-americanos que mereceram tanto a *National Medal of Science* (em 1973, pela primeira síntese de um anticoncepcional oral esteróide – a “pílula”) e a *National Medal of Technology* (em 1991, por promover novos métodos de controle de insetos). Membro da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos e da Academia Americana de Artes e Ciências, bem como de muitas academias de outros países, Djerassi recebeu dezenove títulos de Doutor *honoris causa* e também numerosas outras homenagens, como o Prêmio Wolf de Química, o primeiro prêmio para a Aplicação Industrial da Ciência, conferido pela Academia Nacional de Ciências, e o mais importante prêmio da *American Chemical Society*, a medalha Priestley.

Durante os últimos quinze anos voltou-se para a literatura de ficção, sobretudo no gênero “science in fiction”, ou “ciência-na-ficção”, através do qual ele ilustra, com base em uma ficção realista, o lado humano dos cientistas e os conflitos enfrentados por eles em sua busca do conhecimento científico, do reconhecimento pessoal, e recompensas financeiras. Além de romances (*Cantor's Dilemma*, publicado no Brasil como *O Dilema de Cantor*; *The Bourbaki Gambit*; *Marx, deceased*; *Menachem's Seed*; *NO*), contos (*The Futurist and Other Stories*), uma autobiografia (*The Pill, Pygmy Chimps, and Degas' Horse*) e uma coleção de reminiscências (*This Man's Pill*), iniciou em 1997 uma tetralogia sobre a “ciência-no-teatro”, cuja primeira peça, *An Immaculate Misconception*, focaliza os aspectos éticos associados a uma simples injeção de esperma (a “técnica ICSI”). Estreada em 1998 no *Edinburgh Fringe Festival*, foi encenada posteriormente em Nova Iorque, Londres, San Francisco, Vermont, Viena, Colônia, Munique, Sundsvall, Estocolmo, Sofia, Genebra, Tóquio e Seul, e transmitida pela BBC e pelas rádios estatais da Alemanha e da Suécia. Uma produção portuguesa será encenada em Lisboa em 2004. Sua terceira peça da tetralogia “ciência-no-teatro”, *Calculus*, e sua primeira peça “não-científica”, *Ego*, estrearam em 2003 em San Francisco e Edimburgo, respectivamente.

Além disso, deu início à redação de uma série de “peças pedagógicas”, a serem usadas no ensino em lugar de aulas expositivas. A primeira delas, *Sexo ICSI na Era da Reprodução Mecânica*, foi publicada em 2002 em inglês e alemão, e representada em escolas nos Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha e Áustria. A segunda peça pedagógica, *NO*, escrita em parceria com Pierre Laszlo, publicou-se em 2003 em inglês, alemão e francês. Djerassi é fundador também do “Djerassi Resident Artists Program”, perto de Woodside, na Califórnia, que concede bolsas e estúdios para artistas dedicados às artes visuais, literatura, coreografia, artes cênicas e música. Mais de 1.200 artistas foram beneficiados pelo programa desde sua criação em 1982. (*Sobre a literatura de Carl Djerassi visite <http://www.djerassi.com>*)



ROALD HOFFMANN nasceu em 1937 em Zloczów, na Polônia. Tendo sobrevivido à Segunda Guerra Mundial, mudou-se para os Estados Unidos em 1949, e estudou Química nas Universidades Columbia e Harvard (doutorando-se nesta última em 1962). Desde 1965 atua na Universidade Cornell, em Ithaca/Nova Iorque, atualmente como ocupante da cátedra Frank H. T. Rhodes de Humanidades. Recebeu muitas das homenagens que um profissional da Química pode receber, inclusive o Prêmio Nobel de Química de 1981 (compartilhado com Kenichi Fukui). É membro da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos e da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos, bem como de muitas academias de outros países. Hoffmann é o único cientista que recebeu o prêmio máximo da *American Chemical Society* em três subdisciplinas: Química Orgânica, Química Inorgânica e Ensino de Química.

“Química teórica aplicada”, é dessa forma que Roald Hoffmann gosta de caracterizar a mescla peculiar de cálculos induzidos pelo experimento e a construção de modelos gerais, de um enquadramento necessário ao entendimento: considera ser esta a sua contribuição para a Química.

Hoffmann é também autor de ensaios, de obras de não-ficção, de poemas e de peças teatrais. Duas de suas coletâneas de poemas, *The Metamict State* (1987) e *Gaps and Verges* (1990) foram publi-

cados pela University Presses of Florida; *Memory Effects* foi publicado em 1999 pela Calhoun Press do Columbia College de Chicago. No final de 2002, duas coletâneas de poemas foram publicadas por Roald Hoffmann, *Soliton*, pela Truman State University Press, e *Catalista*, um volume de poemas selecionados e traduzidos para o espanhol e publicados em Madri.

Em 1998, a Smithsonian Institution Press publicou *Chemistry Imagined*. Trata-se de uma singular colaboração com a artista Vivian Torrence, sobre as interfaces arte/ciência/literatura. *Chemistry Imagined* revela a centelha criativa e humanista da ciência molecular. Em 1995, a Columbia University Press publicou *The Same and Not the Same*, uma reflexão sobre as dualidades subjacentes à superfície da Química. Em 1997, W. H. Freeman publicou *Old Wine. New Flasks: Reflections on Science and Jewish Tradition*, de Roald Hoffmann e Shira Leibowitz Schmidt, um livro sobre as vozes entrelaçadas de Ciência e Religião. Hoffmann é também o apresentador de um programa de televisão, "The World of Chemistry" ("O Mundo da Química"), transmitido por muitas emissoras dentro e fora dos Estados Unidos, e dirige um espetáculo mensal, *Entertaining Chemistry*, num café da *village* de Nova Iorque.



ROALD HOFFMANN E CARL DJERASSI

SOBRE O TRADUTOR

JUERGEN HEINRICH MAAR é químico e historiador da Química. De 1976 a 1996 foi professor do Departamento de Química da Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é pesquisador associado do "Projeto Filosofia e História da Ciência" mantido pela FAPESP no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Nascido em Blumenau/SC, formou-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1968), com Mestrado em Química Orgânica no Instituto de Química da UNICAMP (1976). Suas atividades acadêmicas desenvolveram-se na maior parte na UFSC, onde foi coordenador do curso de graduação em Química e membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão.

O interesse pela História da Química, nascido ainda nos tempos de estudante, levou, além do ensino da Evolução da Química, à publicação em 1999 do livro *Pequena História da Química – Parte I – dos Primórdios a Lavoisier*, (848 pp., Florianópolis, Papa-Livro, 1999), cuja 2ª edição ampliada, bem como a edição do Volume II (*De Lavoisier ao Sistema Periódico*), além de outros textos, estão em preparo para 2004. A tradução de *Oxigênio* reflete uma longa experiência em tradução de livros de cunho acadêmico, bem como periódicas incursões pelas letras, das quais se publicaram até agora os *Poemas Domésticos* (Florianópolis, 2000), pretendendo em breve trazer à luz suas traduções de *Poetas Expressionistas Alemães e Austríacos*.

BIBLIOTECA-FFCLRR

